



NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GRÃO-CHANCELER

D. Gilberto Pereira Lopes

MAGNÍFICO REITOR

Prof. Eduardo José Pereira Coelho

VICE-REITORA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS

Profª Vera Sílvia Marão Beraquet

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Prof. Gilberto Luiz Moraes Selber

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prof. Ruy Rodrigues Machado

Endereço para Correspondência:

Revista Notícia Bibliográfica e Histórica

Caixa Postal 1539 — 13100 — Campinas, SP

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ANO XXII - Nº 137 ISSN - 0101 - 4919 JANEIRO/MARÇO/1990

UMA COLÔNIA NO BRASIL

por

Madame van Langendonck

★

Apresentação de Odilon Nogueira de Matos

Artigo introdutório de Augusto Meyer

Prefácio de Tácito Remi de Macedo van Langendonck



Em 30 de abril de 1857, Maria van Langendonck, uma belga seduzida pela miragem do paraíso americano, embarca no brigue “Amanda”, com destino ao porto do Rio Grande. Começa a aventura de uma colônia malograda, e Maria trava relações com um transporte de emigrantes, cento e cinquenta emigrantes alemães. Durante a travessia, apesar da confusão e da sujeira, a solidariedade é um fato: os emigrantes catam-se mutuamente as muquiranas, a mão direita lava a esquerda, o roto ajuda o esfarrapado. Mantém-se o equilíbrio estatístico, pois morrem três, mas nascem outros tantos.

A 9 de julho, a entrada na barra do Rio Grande é aquela pelega de sempre. O despejo de toda a carga de água potável não impede o encalhe pela proa; removem-se de proa a popa as correntes e a ferragem mais pensada, os passageiros fazem um passo de carga acelerada muitas vezes, de um extremo a outro do convés, até que o brigue afinal recomeça a flutuar, desencalhado.

Maria demora-se uns dez dias em Porto Alegre e segue depois para as suas glebas num lanchão, pela estrada real, que era o Jacuí. O Jacuí anda espelhado e clamo, as margens são pitorescas, pouco antes do anoitecer os catraieiros amarram a embarcação a uma das árvores marginais, que esgalham à beira-rio. Mas, à meia-noite, desaba um violento aguaceiro. No outro dia, as águas correntosas começam a subir, os viajantes ficam retidos naquele abrigo improvisado, e só ao cabo de semanas chegam finalmente à sede da Colônia Harmonia, do Conde de Montravel. A Sociedade Montravel, Silveira & Cia., fundada em 1855, assumia o compromisso de introduzir na Província 1440 colonos, mediante um adiantamento de quinze mil réis por colono, conforme tivesse este mais ou menos de doze anos de idade, além de um empréstimo de cinquenta e sete contos de réis. Estou seguindo as aventuras de Maria numa obra que apareceu há mais de um século em Antuérpia. Intitula-se *Une colonie au Brésil: récits historiques*, par Madame van Langendonck, Anvers, Imp. L. Gerrits, 1862. O livrinho, de 152 páginas, está pedindo tradução, introdução, anotação. É uma das grandes raridades da nossa Estante dos Forasteiros; por enquanto, há notícia de apenas dois exemplares, em bibliotecas brasileiras.

Maria van Langendonck trava relações com a derrubada de matas, a coivara, a lavoura de rotação de terras. Todos nós sabemos que, até meados do século, Portugal e Espanha conservaram o arado de madeira, com a mesma forma originária do tempo dos Faraós. É um arado venerável, que aparece na história cerca de 3.000 anos aC. E todavia, nem esta herança cultural imperfeita, de rotina ou retardamento, chegou a penetrar na pobre Terra de Santa Cruz, em que o engenho e a criação de gado estrangulavam o desenvolvimento da agricultura,

impedindo a difusão dos sistemas agrícolas rudimentares, fossem eles de Portugal ou do sul da Europa. Eram sistemas de há muito superados, e já então o pequeno arado de ferro ou aço, o cavalo ou mula como animais de tiro e o carroção de quatro rodas abriam novo período na história dos sistemas agrícolas do norte da Europa e da América.

Quando Maria van Langendonck vai estabelecer-se nas suas glebas do Caf, em Santa Maria da Soledade, colônia onde a esperava seu filho Léon, que já construira um rancho, entra em pleno desenvolvimento a inevitável adaptação do colono aos processos rudimentares da agricultura indígena, adaptação que envolve uma verdadeira regressão a padrões culturais inferiores. É a derrubada, a rotação de lavouras. É o uso do fogo, não só como auxiliar no preparo do solo, para combate às ervas daninhas, mas no aspecto negativo, arrasador a longo prazo, de exaustão de terras e erosão fatal. Em muitos casos, não será usado nem mesmo o arado egípcio, com junta de bois, mas o simples sistema de plantio de cova.

Toda a América do Sul pode servir de exemplo típico ao "cultural lag", experiência ideal para antropólogos e sociólogos. Já o dizia Lynn Smith com a serenidade e segurança de sempre, em memorável tertúlia de 20 de agosto de 1946, na sede do Conselho Nacional de Geografia: "O peso morto do atraso cultural mantém em uso formas e processos sociais obsoletos, muito após tendências e processos mais adiantados e eficientes se encontrarem à mão." E acrescentava: "Se até mesmo esses traços culturais imperfeitos não podiam passar de Portugal para o Brasil, a possibilidade de uma difusão clandestina de outros países europeus para o pequeno mundo português hermeticamente fechado - a Terra de Santa Cruz - era, naturalmente, ainda menor".

São considerações que logo acodem, à margem da leitura deste livrinho tão sugestivo, em seu genuíno conteúdo. Maria van Langendonck refere-se apenas à falta de meios de transporte, à incúria ou velhacaria na seleção dos emigrantes, ao desleixo ou corrupção dos diretores de colônias (v. p. 89-92). Talvez não soubesse que as causas remotas vinham de muito longe, no tempo e no espaço, e o quadro cultural era o mesmo em quase todo o sul da Europa e nos países ibéricos.

Mas, deixemos de lado as sugestões paralelas e voltemos ao texto. Maria van Langendonck sabe relatar com simplicidade. Assenta-lhe muito bem certa nota ingênua, uns laivos de sensibilidade romântica, aquele romantismo dos desiludidos da Europa - os "Europamuede" - fascinados pela miragem americana das terras virgens e atraídos também pelos engodos da propaganda colonialista: é só chegar, plantar, colher e enriquecer, diziam os agentes na Europa. Foi tema de mais de uma novela, bastando lembrar que sugeriu a Daudet essa pequena obra prima: **Port-Tarrascon**, o terceiro volume de sua trilogia tartarinesca.

Desbravado um largo trecho de terra em meio da mata, construído o rancho, vai começar o seu aprendizado da solidão. Os filhos andam por longe, na lida de agrimensores improvisados. Ao cair da noite, a espessura parece que

desperta com vozes misteriosas. Serão os bugres de que tanto se fala nas colônias? Arrasam, matam, saqueiam e levam as mulheres. Serão os negros fugidos, em concentração nas brechas, demandando talvez algum quilombo distante? De vez em quando um coro de bugios prôgnosticando chuva... E aquele ganido rouquenho, entremeado de uma espécie de miado lamentoso, na certa há de ser o bocejo de fome de algum tigre...

Num desses momentos de terror, depois de ouvir toda a noite estranhos rumores no galpão que lhe servia de cozinha, Maria, só ao raiar da madrugada vem a descobrir a causa. Ao sair para o terreiro, leva com um grosso galho de árvore pela cabeça. De nariz no ar, descobre afinal um respeitável bugio à espreita, por entre a ramaria, “un gros singe roux qui avait l’air de regarder avec curiosité l’effet de sa provocation”. Os bugios arrastavam enormes cestos cheios de espigas de milho e se banquetavam ali mesmo. Afirma a autora que num milharal granado eles se aproveitavam da palha para atar as espigas em verdadeiras résteas, e carregavam desse modo uma provisão de milho sob a forma de cintos. “Ils se font une ceinture des épis qu’ils nouent ensemble avec leur paille, et parfois dévastent en une nuit la plus grande partie d’une récolte.”

A alimentação, ao fim de algum tempo, já não podia contar com o reforço da caça abundante. Com a devastação continuada, os jacus e jacutingas (“jacoutines”, escreve ela) escasseavam, já não se via nem sinal de tatus, e a perdiz, quase oferecida a princípio, desaparecera de todo. Maria, que tanto sofrera com as náuseas provocadas pelo charque (os catraieiros caminhavam sobre as mantas de carne seca, estendidas no lanchão) aprenderá a dura lição que é a dieta obrigatória do colono. Foi como sempre o feijão preto o grande prato de resistência, como de resto seria também o título de glória, na produção dos primeiros colonos.

Mosquitos, tigres, cobras e aranhas, na sua resignada experiência, ainda parecem flagelos suaves comparados ao implacável “biche des pieds”. Maria, como quase todos os viajantes, consagra do bicho-de-pé mais de uma página. Para compensação, há também os momentos pitorescos: a visita a um velho colono, estabelecido à margem do Jacuf; a viagem pela mata virgem; uma noite de São João no meio da picada, com fogueira, descante à viola, sortes de clara de ovo; curas mágicas de hérnia e mordida de cobra; um tigrezinho criado por Maria; descrições de tipos e paisagens; certas minúcias realistas com referência a usos e costumes, que em duas ou três penadas traçam todo um quadrinho social em flagrante.

Não é livro para vizinhar com os grandes, na “Estante dos Forasteiros”, ao lado de um Saint-Hilaire, um Dreys, um Isabelle, um Avé-Lallemand. Mesmo no âmbito mais restrito do seu tema, a vida colonial, não chega a ombrear com Funke, Hornmeyer, Gerstaeker, Lange. Mas caberia muito bem no programa editorial do Instituto Estadual do Livro, que anda tão esquecido de seus compromissos.

PREFÁCIO

Filha de Carolus Rutgeerts e de Maria Philomene Josephine de Linée Rutgeerts, Marie Barbe Antoinette Rutgeerts van Langendonck era natural de Antuérpia (Bélgica), onde nasceu a 7 de outubro de 1798, ao tempo da Primeira República Francesa. Casou-se naquela cidade, a 18 de abril de 1827, com Jean Remi Felicien Philippe van Langendonck, oficial do “Régiment de Guide” e posteriormente diretor do Hospital Militar de Charleroi.

Verifica-se, à luz dos tratados genealógicos, que os “van Langendonck” provém de uma das sete famílias mais antigas da Bélgica, distinguida em Lovaina com o direito do patriciado (*Bibliographie Nationale de l'Academie Royale de Belgique*, 1980, t. 11, título “van Langendonck”).

Marie Barbe sempre teve o melhor ambiente, não só na Bélgica, como em outros países. Frequentava, além da corte, os meios literários e culturais, convivendo com os melhores escritores da época. Foi grande poetisa e escritora de renome, com várias obras publicadas. Em seu livro *Aubepinés*, editado em Bruxelas em 1841, dedica várias poesias a seus contemporâneos Dumortier, Victor Hugo, Verhaeren, Lamartine, Jean-Baptiste Rousseau, Antônio Wiert, entre outros.

Mais tarde, em Malines, em 1846, publicou outro livro, *Heures Poétiques*, com poesias de profunda inspiração religiosa, compostas pela facilidade que a memorização de prece adquire quando vertida para o verso e pela circunstância de não existir na época, livros de horas, em rima, dos grande poetas franceses do século passado, conforme diz a Autora e de cuja lavra destacamos “Oração da manhã”, “Santa Missa”, “Deus”, “Na dor”, “Oração aos mortos”, “A Paixão de Nosso Senhor”, “Uma hora com Deus” e “Meditação do cristão”. Não se limitou Marie Barbe a tênues citações da divindade, mas, fiel ao seu sentimento e à sua formação religiosa, entregou-se plenamente a estas influências benfazejas, compondo os poemas com inspiração cristã, poemas que nos tocam a alma de crentes e nos embalam com a doçura, suavidade e elevação de seus versos.

Corajosa e decidida, renunciou à vida confortável e suntuosa dos salões europeus, trocando-a pelo labor duríssimo da colonização. Assim, em 1857 veio para o Brasil, aqui permanecendo por dois anos, deixando notável escrito de sua aventura no país tropical, no livro que publicou em Antuérpia, em 1862, intitulado *Une colonie au Brésil*, no qual relata muitos e interessantes episódios que assinalaram sua primeira estada neste País. Sugestiva a descrição de suas impressões e experiências, a sua capacidade de observação e uma criteriosa conceituação resultantes de espírito bem formado e qualificado por conhecimen-

tos que lhe situam a individualidade de poetisa e escritora, conceituação que, em essência e de fato, enaltece o Brasil e sua gente.

Poucos exemplares desse livro são conhecidos. Ao que pudemos apurar, existem um no Museu Militar de Bruxelas, com dedicatória ao Ministro da Guerra da época, e outro na Bibliotheque Royale, também de Bruxelas. No Brasil, pouquíssimos exemplares existem: um, que pertenceu a D. Pedro II, encontra-se na biblioteca do Museu Imperial, de Petrópolis; outro, na Biblioteca Nacional; um terceiro, na Biblioteca Rio-grandense, na cidade de Rio Grande (RS); Paulo Berger, em sua bibliografia de estrangeiros que escreveram sobre o Rio de Janeiro, refere-se a um exemplar existente no Arquivo Nacional.

Assim, em boa hora, resolveu a **Notícia Bibliográfica e Histórica**, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, por iniciativa do Professor Odilon Nogueira de Matos, publicá-lo, editando-o pela primeira vez em nossa língua.

Em 1863, Madame van Langendonck retornou ao Brasil. Chegando ao Rio de Janeiro, escreveu significativo poema intitulado **Le Retour**, onde sua lira inspirada descreve o retorno à pátria brasileira, demonstrando seu amor à terra que adotou como sua segunda pátria. Já naquele tempo o Brasil exercia qualquer atrativo, que ela não sabe explicar qual seja, mas que hoje também ocorre com todos os estrangeiros que, para cá vindo, não mais desejam voltar às suas terras de origem ou, que o fazendo, para aqui retornam.

No Brasil, passou o restante de sua vida, freqüentando assiduamente a sociedade rio-grandense. Manteve correspondência, por mais de uma década, como nosso Imperador D. Pedro II e sua esposa Dona Teresa Cristina, correspondência esta que se encontra no arquivo do Museu Imperial, de Petrópolis, sob nos 133-6542/137-6711/137-6727/141-6901/142-6951/145-7053/147-7129/163-7563 e 170-7811. Faleceu Madame van Langendonck no dia 6 de junho de 1875, em Arroio Grande (Serra dos Tapes), município de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Teve os seguintes filhos;

Marie van Langendonck, que foi casada com o escritor e jornalista Victor Joly; esta ficou residindo na Europa.

Léon Joseph Marie van Langendonck, que foi casado com Maria Joaquina Antikeira, com descendência;

Edouard Adolphe Marie van Langendonck, que já veio casado para o Brasil com Meta Christina Georgina Hillemann, com descendência;

Hippolyte Renaud Marie van Langendonck, casado com Adália Idalina de Oliveira de Paula, com descendência; e

Hélène van Langendonck, falecida solteira.

Tácito Remi de Macedo van Langendonck

I

Creio que, quando me decidi a emigrar para o Brasil, os interesses materiais não eram mais que o pretexto para ceder à atração do desconhecido, pois eu pensava menos no que fâmos fazer no Brasil, do que naquilo que nós lá irfâmos ver.

No dia 30 de Abril de 1857, deixamos a enseada de Antuérpia no brigue “Amanda” comandado pelo capitão B..., com destino ao Rio Grande do Sul.

Para quem nunca viu um transporte de emigrantes alemães, é impossfvel fazer uma idéia do que isso seja.

A coberta do navio abrigava cento e cinquenta indivíduos de todas as idades e dos dois sexos. Todos colonos livres, isto é, tendo pago sua passagem de seu próprio bolso. Alguns levavam uma pequena fortuna, quer em numerário, quer em mercadorias, outros haviam embarcado por conta de suas comunidades. Os primeiros estavam munidos de amplas provisões alimentares, os segundos, reduzidos às rações de bordo, recebiam apenas o necessário para não morrer de fome. Todos tinham em comum uma falta de higiene inominável e hábitos que aos mais indulgentes poderiam parecer de uma desenvoltura excessiva.

A cabine do capitão, exageradamente pequena, situava-se no mesmo nível da ponte de comando. Entre as duas haviam isolado, com um tabique, um espaço para nós contendo duas camas e o lugar necessário para nossas bagagens, de maneira que af nós nos sentfâmos perfeitamente à vontade.

Na cabine improvisada entrava a luz do dia por dois globos de vidro incrustados na coberta. Sós, quando assim o desejâvamos, tomando nossas refeições em família, nós não achâvamos, no começo, a travessia sem conforto nem mesmo sem distrações.

Ao chegarmos às regiões quentes, porém, sufocâvamos na cabine, e éramos forçados a ir à procura de um pouco de ar sobre a coberta. Af toda a população do “Amanda” mantinha-se permanentemente, e nós não sabfâmos onde nos meter. Os alemães prestavam continuamente entre sí o serviço mútuo de tirar um do outro a vermina que os cobria. O nojo desse espetáculo era atroz, e o capitão, tendo deixado a popa à disposição de todos, tornou essa cena impossfvel de ser evitada.

O capitão era um homem pequeno, gorducho, irrequieto, de uma irascibilidade extraordinária, duro até à crueldade para com sua tripulação. Também, esta, contaram-me, deixava o navio no primeiro porto de escala, e nunca o capitão B..., tinha trazido de volta a Antuérpia os mesmos homens com os quais ele havia partido.

Muito jovem ele começou a navegar com um tio, capitão de alto mar; a prática foi a única mestra que lhe ensinou a arte de marinheiro: em qualquer outra matéria sua instrução era nula.

Eis um exemplo: um dia, seguindo sob sua indicação, sobre a carta marítima a marcha do navio, eu quis, a propósito da bússola, lembrar-me do nome do seu inventor.

- O inventor da bússola, disse o capitão estourando de rir, mas a bússola é velha como o mundo, foi criada ao mesmo tempo que ele. A bússola inventada! Meu Deus, minha Senhora, não repita isso a ninguém, vão rir da Senhora.

No entanto esse homem era um marinheiro capaz, desembaraçando-se perfeitamente das situações difíceis onde muitos se perderam. Homem incansável, vendo tudo, tomando parte em tudo; enfim, executando sua profissão com um conhecimento que nem sempre é transmitido pela mais sábia teoria.

Uma manhã fui acordada por gritos de desespero vindos da coberta; vesti-me às pressas e fui informar-me do que se passava: esses gritos que cortavam a alma eram emitidos por uma mãe jovem cujo filho de três meses tinha morrido durante a noite, e que não queria se separar do pequeno corpo para que este pudesse ser lançado ao mar. O capitão ordenou que o tomassem à força, coseram-no num pedaço de pano de vela e jogaram-no por sobre a amurada. O embrulho boiou durante alguns segundos, depois foi levado por uma vaga.

Uma bonita menina de quatro anos morreu também no dia seguinte; o mar também trouxe esse cadáver.

Daí a alguns dias um ancião rendeu sua alma a Deus; coisa triste de dizer, pretende-se que a falta total de cuidados, se não provocou, ao menos apressou a morte desse pobre homem, que tinha entretanto quatro filhos consigo.

Mais tarde, com alguns dias de intervalo, nasceram três crianças a bordo. As mulheres ajudaram-se entre si e tudo se passou a contento. O mais velho em idade do navio batizou provisoriamente as três pequenas criaturas; uma, nascida à altura das costas do Brasil, desembarcou com plenos direitos de cidadania na sua nova pátria.

Enfim numa quinta-feira, nove de Julho, chegamos diante da barra do Rio Grande do Sul. Para aliviar o navio, descarregaram-no de toda a água potável, o que não evitou que enalhasse a proa nas areias da barra. Para o desvencilhar, transportaram da frente para trás as pesadas correntes das âncoras e toda a ferragem que se achava a bordo. Ordenou-se aos passageiros que executassem uma marcha de uma ponta da coberta à outra, até que finalmente o brigue tornou a flutuar, e nós pudemos, com a ajuda do piloto, entrar no porto.

O aspecto do Rio Grande é triste: do porto não se vê nenhuma vegetação; nada mais que areia, areia por toda a parte. A cidade é bastante animada, mas desse movimento mercantil que é simpático unicamente aos trafi-

cantes. Poucas ruas são inteiramente calçadas. O conforto do interior doméstico deixa muito a desejar; a vida lá é cara, e lá se vive mal.

Um barco a vapor esperava os emigrantes. Em vinte e quatro horas ele nos desembarcou em Porto Alegre, onde nós fomos recebidos pelo Sr. Conde de Montravel; por sua ordem foi preparado para nós um alojamento em sua residência.

Porto Alegre é uma bonita cidade, toda nova, construída sobre um terreno acidentado, perto da confluência de quatro rios, o que a torna quase uma península. O ar é salubre, as ruas retas e bem calçadas. O alto comércio de lá é constituído por alemães e portugueses: estes últimos representam ali os judeus da Europa. Para eles tudo aquilo que produz um ganho qualquer é justificado por sua conveniência. Também todos enriquecem. Chegando ordinariamente ao Brasil com um pé calçado e outro descalço, eles começam por vender aguardente de cana (cachaça) aos pretos, dos quais eles compram ou receptam as coisas roubadas. Agentes de loteria, eles incitam o escravo a subtrair de seu patrão com o que tentar a fortuna; inútil dizer que o negro não ganha nunca, obrigado que é, por não saber ler, de se entregar à boa fé do agente, que, único confidente dessas manobras clandestinas, se apropria quase sempre do ganho. Além da receptação, do abuso de confiança e do empréstimo a prestação, o indivíduo pratica a usura em larga escala, sem prejuízo da profissão infame com que ele se põe, nos portos de mar, à disposição dos capitães.

A aristocracia é representada em Porto Alegre pelos verdadeiros indígenas, os brasileiros puro sangue. Povo um pouco indolente, mas dócil, benevolente e de uma boa fé incontestável. Hospitaleiro com tato e delicadeza, ele se esforça por tornar seu país agradável aos estrangeiros, cujos elogios lhe fazem prazer. No entanto não lhe sugira melhoramentos a serem introduzidos no seu governo ou nas suas administrações; ele lhe escutará sem acreditar e lhe responderá sorrindo: Paciência...

Os alemães que, pela sua perseverança e pelo seu trabalho, conquistaram no Brasil um grande bem estar e mesmo fortuna, conservam-se simples e dignos, muito unidos entre si e seus filhos são perfeitamente educados.

II

Dois dias após nossa chegada, Léon, meu filho mais velho, deixou Porto Alegre para ir escolher o sítio de uma colônia nas terras concedidas ao Conde de Montravel pelo governo do Brasil.

O Sr. de Montravel tentou fazer-me abandonar o projeto de ir explorar as matas virgens: foram palavras perdidas. Desde a idade da razão que a palavra floresta virgem dava livre curso à minha imaginação e deixava em mim o desejo violento de possuir uma. O dia que me trouxe a possibilidade da realização inesperada desse sonho brilhava enfim; poucas léguas somente me separavam dessa meta em cuja direção minhas aspirações tinham sido durante tanto tempo orientadas; os arrazoados mais lógicos foram então inúteis, nada pôde abalar minha resolução.

Assim é que depois de dez dias passados em Porto Alegre, o Sr. de Montravel providenciou para nós e nossas bagagens um bonito lanchão - pequena embarcação com convés - que se movia, ou por meio de quatro remos, ou com ajuda de varas apoiadas obliquamente no fundo da água na parte dianteira da pequena embarcação; sobre cada uma dessas varas um homem apoia com força o ombro esquerdo para dar o empurrão que transmite à lancha um vigoroso impulso.

O rio que carregava nossa barca, nossas pessoas, nossas bagagens e nossas esperanças era o Jacuí. Quando embarcamos a água estava tão calma que eu a julguei sem correnteza. O tempo estava soberbo, e segundo todas probabilidades deveríamos ser entregues daí a dois dias a um oficial de polícia - que às suas funções acrescia as atividades de lavrador, lojista e mercador de escravos - para sermos levados de lá, por terra, à colônia de Santa Maria da Solidão.

Tendo partido de Porto Alegre às dez horas da manhã com uma temperatura bastante fresca, os dois bateleiros mantiveram-se constantemente ocupados em aumentar vigorosamente a marcha do lanchão. Chegando o crepúsculo, eles o amarraram a uma das árvores à margem do rio, resolvidos a aproveitar a grande frescura da madrugada para continuar a rota no dia seguinte.

Esses bons homens não tinham contado com as tempestades que embelezam essa estação do ano. Perto de meia noite cada um dos quatro pontos cardiais nos enviou uma de uma violência fora do comum, acompanhada de ventos e de uma chuva diluviana. De manhã o temporal tinha passado, mas o centro do rio tinha se transformado numa verdadeira torrente. As águas desciam com uma rapidez extrema, carregando consigo enormes troncos de árvores com os quais uma colisão teria feito indubitavelmente sossobrar a nossa frágil lancha. Fomos forçados a permanecer imóveis, na enseada onde nos encontrávamos, até que as águas se tornassem mais pacíficas.

Eu quis aproveitar essa parada forçada para ver um pouco o campo do Brasil, e me dispunha a meter o pé em terra, quando duas crianças de mais ou menos dez anos, menino e menina, saltaram na cobertura do barco, chegaram perto de nós e me ofereceram um bonito ramo de flores.

Eu não saberia dizer como me comoveu essa atenção tão graciosa, vinda da parte de estranhos num quase deserto, e dirigida a mim, uma estrangeira. Mesmo com a ajuda do bateleiro e de sua mulher, não consegui me fazer compreender por essas belas crianças. Toda essa gente só falava o português, e eu, nessa ocasião, desse idioma não sabia uma só palavra. A menina adivinhou meu embaraço, trocou algumas palavras com seu irmão, e depois levantando a mão em

direção à montanha vizinha ela me disse - Vovô - e foi-se embora correndo. Eu soube mais tarde que Vovô significava avô. Ora, era o seu, que a criança ia buscar para me servir de intérprete. Alguns minutos mais tarde a menina voltou com seu avô. Era um velho pequeno, ainda conservado, que no seu tempo havia combatido na Espanha na guerra contra os franceses; recordava-se um pouco do idioma deles e nós acabamos por nos compreender.

Esse bom homem era lavrador, e convidou-nos a visitar sua plantação situada no cume da montanha; aceitamos seu convite com alegria. Apenas desembarcamos, uma senhora muito grande e muito corpulenta, parecendo ter mais ou menos cinquenta anos de idade, veio a nosso encontro. Apoiava-se, ao andar, num bastão mais alto que ela. Quatro jovens, suas filhas, a acompanhavam. Toda a família se encontrava lá por acaso visitando os pais das duas crianças que moravam num rancho*, ao pé da montanha: af tendo sabido pelo jovem bateleiro que a lancha transportava estrangeiros, ela quis nos dar as boas-vindas na terra brasileira.

A grande senhora era a esposa do ex-soldado. Ela e suas encantadoras filhas vieram nos apertar as mãos. Duas delas vieram me oferecer o braço para galgar a montanha, a mãe caminhava ao nosso lado, esforçando-se por me fazer compreender as palavras cordiais, que sua atitude, suas maneiras e a entonação de sua voz me faziam adivinhar. Suas filhas me mostravam as flores, as plantas, as árvores para mim desconhecidas. Sobre um gramado que se estendia diante da casa, um encantador potrinho, todo branco, veio relinchando de alegria esmolar um carinho de cada um; ele acompanhou-nos até a porta da casa.

Essa casa era quadrada, solidamente construído de tijolos, rasgada por grandes janelas sem vidraças, que à noite eram cerradas por folhas de madeira.

Fizeram-nos percorrer a casa, mobiliada em parte à européia, mas tudo estava coberto de diversos centímetros de poeira que entrava livremente de fora por essas janelas constantemente abertas.

Numa bonita saleta melhor cuidada que as outras peças, duas folhas de porta fechavam um nicho cavado na espessura da parede; antes de abrir, nosso hospedeiro e o bateleiro tiraram os chapéus, meus filhos naturalmente fizeram o mesmo sem todavia ainda saberem o motivo.

O armário aberto nos permitiu ver um altar onde se encontrava um grande crucifixo, uma imagem da Santa Virgem, quatro grandes candelabros de cobre, algumas flores artificiais em vasos; diversas gravuras pequenas coladas na parede do lado representavam imagens de devoção.

Era provável que um pequeno tabernáculo de ébano artisticamente talhado como uma renda e colocado sobre uma pequena almofada no alto do altar contivesse uma hóstia consagrada, o que explicaria a atitude recolhida e respeitosa dos habitantes do lugar.

Serviram-nos café e bolinhos feitos com farinha de milho. Enquanto isso despojavam magníficas laranjeiras de suas frutas que foram colocadas no

(*) espécie de cabana construída de terra e coberta por folhas.

fundo de uma grande cesta e cobertas por diversas dúzias de ovos frescos. Costeletas de porco embrulhadas num guardanapo, ataram-se as patas de quatro galinhas, e de boa ou má vontade fomos obrigados a aceitar essas dádivas que foram carregadas pelo próprio lavrador até nossa lancha. Chegando lá eu ofereci à mulher do lavrador um objeto de porcelana, com o qual ela pareceu ficar encantada.

No momento de nos separarmos dessa boa gente, eles perguntaram para onde fâmos; quando souberam que nos dirigâmos às altas terras recentemente concedidas, eles abanaram a cabeça.

Mau, mau, disse o ancião, mau; mas, acrescentou ele, se vocês querem terras, fiquem conosco; nós temos o suficiente para vos dar bastante. Não temos descendentes e esses rapazes serão nossos filhos.

Mas suas terras já eram desmatadas e nós sonhâvamos com a floresta. Despedimo-nos então dessa excelente família, levando aquelas provisões que julgâvamos não ser necessário consumir no caminho.

Infelizmente a tempestade não havia dito sua última palavra; durante três outras noites ainda o trovão ribombou, a chuva caiu torrencialmente, as águas do rio engrossado transbordaram a perder de vista; uma bonita canoa atada à nossa embarcação foi levada pela corrente e o capitão teve muito que fazer para impedir que ficássemos ao léu.

Os presentes do lavrador foram então providenciais, pois não faço idéia de como terâmos então conseguido viveres. Os bateleiros comiam feijão preto, o qual eu não queria nem sequer experimentar. Mais tarde eu o comi diariamente durante dois anos e acabei por apreciá-lo muito. A lancha estava ainda munida de diversos rolos de carne seca, mas esses rolos, desfeitos durante o dia para secar ao sol, eram estendidos sobre o tombadilho e serviam de tapete aos dois homens que os pisavam com seus pés nus para irem de um ponto ao outro da coberta: assim sendo eu não creio que, mesmo em perigo de morrer de fome, eu me decidisse a me alimentar dessa carne.

III

Enfim no décimo dia nós fundeamos não longe da propriedade do major Guimarães. À margem nos esperava um sobrinho do major. Em Porto Alegre tínhamos conhecido esse sobrinho, alemão de nascença, jornalista espirituoso, moço bonito, muito instruído e muito ativo. A família de sua mulher parecia ter por ele muita afeição. Acontecimentos políticos tinham-no trazido ao Brasil. Diz-se que o casamento com a sobrinha do major foi um tanto feito à força. Diz-se que ele tinha feito uma corte exagerada à sobrinha do major e os brasileiros não permitem que suas filhas sejam iludidas.

Eu disse que o major acumulava funções públicas e negócios particulares. Nós fomos conduzidos primeiro à sua venda. Era uma vasta construção ainda

não terminada; suas lojas estavam amplamente abastecidas de comestíveis, confeituras, especiarias, ferragens, vinhos, licores, óleos, fazendas, drogas, etc. Nós nos espantávamos de ver esse sortimento enorme de artigos no meio de um deserto, pois com exceção do sítio do major, não havia outra habitação num raio de diversas léguas. Mas durante o dia inteiro chegavam cavaleiros à porta, seus animais carregando de cada lado um grande saco de pele, onde eles guardavam as compras que faziam; sua permanência no balcão era às vezes bastante demorada, retornavam com a cabeça e a razão confusas por causa das libações de vinho e de cachaça; assim é que eram obrigados a se entregar à inteligência do seu cavalo para regressar a seus penates.

Cavalos para nós, mulas para nossa bagagem, estavam à nossa disposição para nos conduzir à Harmonia, grande propriedade que a sociedade Montravel alugava, para afetar provisoriamente seus escritórios e também servir de etapa aos colonos que vinham da Europa.

O mau estado das estradas, convertidas em pântanos pelas chuvas, nos forçou a esperar a volta de alguns dias de sol para nos pormos a caminho.

Durante dez dias ainda ocupamos dois grandes quartos no prédio das lojas, onde fomos perfeitamente servidos por negros que lá estavam à espera de quem os quisesse comprar.

Essa casa de comércio era mantida pelo irmão do major, que tinha mandado construir para si uma pequena casa ao lado da grande; lá ele morava com sua esposa e uma filhinha de sete anos. Sua mulher tinha vinte e dois anos; com um rosto muito belo, possuindo maneiras distintas e amáveis, era infelizmente afligida por uma obesidade tal, que ela temia achar-se um dia na impossibilidade de caminhar. Educada num colégio do Rio de Janeiro, falava corretamente francês e possuía diversas prendas de sociedade.

Essa senhora, que nos acolheu graciosamente, prendia-nos à noite até o mais tarde possível, e parecia feliz de ver assim um pouco animada a sua solidão. Nas nossas conversas pelas quais se notava sua sólida instrução, ela me iniciava nos hábitos, nos costumes e no caráter de seus compatriotas. Sua indulgência para tudo e por todos só se igualava à sua bondade, qualidade essa bem rara em qualquer parte.

Uma manhã ao chegar à sua casa, encontrei-a ninando em seus braços uma pequena criatura tão medonha, que não pude crer que fosse uma criança.

- É a filha de Flora, disse a Sra. Guimarães, ela chora por sua mãe que está ocupada, e eu estou me esforçando por consolá-la.

Flora era a escrava predileta da sra. Guimarães; tinha nascido na casa de seu pai que a destinou à sua filha no dia em que esta veio ao mundo. Flora tinha doze anos nessa ocasião. Logo começou sua aprendizagem para tornar-se uma criada perfeita. Ensinaram-lhe todos os trabalhos manuais, tornou-se hábil em tudo o que se lhe mostrava, ficando assim verdadeiramente uma subordinada preciosa para sua jovem patroa. Eu vi colarinhos de camisas bordados em crivo por ela no próprio tecido, imitando a mais elegante renda. Ela confeccionava vestidos, costurava toda a roupa de casa, lavava, passava e era, além disso, uma cozinheira perfeita. Enfim, suas qualidades faziam esquecer a sua feiúra que era repelente.

No entanto, essa mulher era a mãe de um bonito mulatinho de cinco anos, que não tinha traço algum de negro, e que já anunciava ser de uma inteligência notável. A sra. Guimarães, que se tinha apegado muito ao pequeno escravo, queria dar-lhe a possibilidade de um dia ser livre, conseguindo que ele alcançasse uma situação que lhe fornecesse os meios de se resgatar.

Em resumo, a escravidão, tal qual eu a vi no Brasil, pareceu-me menos infeliz para os negros, que nociva para a raça branca.

Quaisquer que sejam as causas, o fato é que todos os maus instintos inerentes à natureza do negro deixam nele bem pouco lugar para os sentimentos de probidade, de pudor e de moral. No entanto, é no meio dessa gente que os brasileiros deixam seus filhos até alcançarem a idade da razão; essas crianças se educam e brincam com os negrinhos, os quais em relação a certas coisas nunca tiveram infância.

Numa casa onde eu estava de visita, pouco tempo antes da minha partida do Brasil, fui testemunha de uma cena entre as mocinhas dos patrões e uma pequena escrava, cena cuja recordação me faz tremer de indignação e de repulsa. E no entanto quando, toda comovida, eu a narrei a meus hospedeiros, estes a acolheram com uma impassibilidade perfeita. - O que a senhora quer, disseram eles tranqüilamente, isso é coisa inevitável com os negros, deve-se disso tirar partido, porque definitivamente não podemos viver sem eles, precisamos além do mais de quem nos sirva.

É a essa opinião, que servir é condição exclusiva do escravo, que se deve a repugnância das moças do povo pelos trabalhos de casa, mesmo aliás por qualquer trabalho. Elas não pretendem ser assimiladas aos negros e preferem procurar na prostituição os meios de subsistência.

Além disso, mesmo a escravidão abolida, mais de uma geração passará até que o trabalho adquira seu posto de honra junto às moças do povo nas cidades do Brasil.

Eu não quero concluir irremediavelmente que esse meio corruptor tenha sido contagioso para todos os filhos de família que nele cresceram. Ao caráter dócil e maleável dos jovens brasileiros, melhores exemplos imprimem, facilmente boas tendências; acontece somente que a constituição física desorganizada por excessos precoces deixa franzinas e débeis essas vítimas da incúria paterna.

Que os negrófilos europeus não se indignem com minhas espontâneas apreciações. Mais do que nenhum deles, eu de longe me revoltei contra a escravidão. Enderecei em prosa e verso epístolas comoventes aos proprietários de escravos. Minha simpatia pela gente negra era profunda, eu a lamentava, eu censurava de boa fé os brancos, e certamente não foi sem luta que eu renunciei às minhas convicções.

Mas depois que eu vi os negros de perto, os negros dos dois sexos em diferentes condições, fiquei firmemente persuadida que sua moralização, se ela todavia ainda for realizável, exigirá alguns séculos de esforço.

No segundo dia bonito, nós pegamos os cavalos e um guia e partimos para Harmonia. O guia acompanhou-nos até a fazenda de um alemão onde devíamos passar a noite e esperar um outro guia no dia seguinte.

Nosso hospedeiro, vindo para o Brasil com a idade de três anos acompanhado por seus pais (pobres operários que começaram a vida na nova pátria trabalhando por oitenta cêntimos por dia), tinha na ocasião quarenta anos. Ele era dono de seu sítio que continha mais de cem hectares. O planalto, inteiramente desmatado e convertido em pastagem, nutria um número considerável de cabeças de gado. Seis meninas, a mais velha de dez anos e a última de dois meses, alegravam essa casa, que era de uma limpeza inglesa, apesar de ser coberta de sapé. A dona do sítio, igualmente alemã, recebeu-nos com gentileza e cordialidade. Cedeu-nos suas melhores camas e ofereceu-nos suas melhores provisões constituídas de carne seca, toucinho, ovos, um frango assado, figos e laranjas. Eles não semeavam trigo porque, diziam eles, o trigo não rende mais que trinta e três por um, enquanto que o milho rende quinhentos e serve para alimentar as aves, os porcos, os cavalos e as mulas. Eles não comiam nada além do grão de milho, muito branco mas excessivamente seco.

Essa gente nos contou que os pais do sitiante, desde o primeiro ano de sua chegada ao Brasil, af tinha obtido do governo uma colônia representando setenta hectares de matas virgem. O casal, ajudado somente por um jovem compatriota, tinha principiado corajosamente o trabalho do desmatamento, e continuou sua tarefa com a persistência que caracteriza seu país. A área do seu terreno de plantio crescia ano a ano. Com o produto de suas primeiras colheitas, eles compraram inicialmente uma vaca, depois duas, depois três, depois alguns touros. Tudo isso multiplicou-se e em poucos anos eles possuíam cinquenta cabeças de gado. Seus dois primeiros porcos também tinham reproduzido abundantemente, os jumentos deram jumentinhos. Compraram quatro mulas para transportar seus produtos até ao rio cujas águas iam dar em Porto Alegre, mais tarde compraram um lanchão, e iam eles mesmos vender suas colheitas em diversas cidades do interior, de maneira que, quando o seu filho chegou à idade de casar, eles lhe deram uma das três colônias que já tinham acrescentado à sua primeira. O rapaz assim bem provido, tão trabalhador quanto seu pai, casou-se com uma moça nascida no Brasil de pais alemães. O jovem casal, continuando a manter as tradições paternas, havia conseguido um feliz bem estar e realizava verdadeiramente essa fabulosa e poética felicidade da idade de ouro.

O guia que veio buscar-nos no dia seguinte era um ex-selvagem. Tinha permanecido até a idade de dezesseis anos na tribo dos índios, onde havia nascido. Ignorava quais as circunstâncias que quase o civilizaram. Colocou-se a serviço da Sociedade sem emprego definido, pois uma tarefa regular lhe era especialmente antipática. Habitualmente ele se ocupava em caçar tigres, pagavam-lhe de doze a dezoito francos por cada pele. Um dia alguém pôs em dúvida a faculdade que era atribuída a Antonio Luís (era o nome do guia) de encontrar à sua vontade a caça que lhe era encomendada; essa pessoa quis pôr o índio à prova e prometeu-lhe dezoito francos se ele no dia seguinte lhe trouxesse a pele de um tigre recém esfolada. No mesmo instante Antonio Luís pegou a sua primitiva espingarda e foi-se em direção à mata. À tarde matou um tigre-fêmea, mas como a noite se aproximava, resolveu esperar o dia seguinte para tirar-lhe a pele. No dia seguinte ele encontrou junto do animal morto um tigre pequeno de mais ou menos a metade do seu tamanho, que tentava ainda mamar na sua mãe. Antonio quis lançá-lo, o pequeno escapou de seu laço, trepou numa árvore e rugiu assustadoramente para o seu perseguidor. Este fez mira em sua direção e o pobre pequeno veio cair ao lado

de sua mãe. Perto do meio dia o destro caçador trouxe os dois animais mortos, mas não aceitou nenhum suplemento ao preço combinado.

Léon nos esperava na Harmonia e nós lá chegamos ao anoitecer.

IV

Harmonia era uma propriedade imensa, onde ainda se viam os restos de uma serraria. A casa térrea era espaçosa, mas incômoda e ameaçando ruína, apesar de ter sido construída há apenas vinte anos. Lá nós ainda estávamos a dois dias de marcha da colônia onde nós não deveríamos chegar senão depois das chuvas de inverno, isto é, após ainda uma parada de um mês ou seis semanas.

Empregamos esse tempo a nos informar sobre os diferentes modos de desmatamento, sobre a maneira de abater as árvores e de queimar a madeira, de plantar o feijão e o milho (primeiros produtos da terra desmatada na província de São Pedro), enfim sobre o método de colheita e de como construir uma habitação.

A Sociedade Montravel alugava a Harmonia pelo preço de três mil francos por ano. O sr. Sochenas, seu proprietário, possuía ainda uma vintena de propriedades desse gênero, situadas num território de quarenta léguas quadradas, que lhe pertencia. Era o maior proprietário da província. Sua fortuna vinha de seu pai, à morte do qual ele herdara também quatrocentos negros, entre os quais se achavam marceneiros, ferreiros, pedreiros, oleiros, de modo que suas terras eram cultivadas, suas construções conservadas, o serviço da vasta residência que ele habitava com sua família perfeitamente executado, tudo isso sem outra despesa a não ser a alimentação e as vestimentas muito pouco dispendiosas de seus escravos.

Mas um dia a cólera visitou a província de São Pedro, os negros foram suas primeiras vítimas. Dos quatrocentos negros do sr. Sochenas, a peste levou trezentos e vinte. O trabalho dos oitenta que restaram é insuficiente para valorizar essas propriedades que produziam uma renda principesca.

Há muito tempo que nenhuma reparação era feita nas construções. A maior parte das terras permanecia inculta e hoje, apesar de ser dono dum território do qual se poderia fazer um reino, o sr. Sochenas possui pouco dinheiro em caixa.

Dizia-se, no ano passado, que ele tinha intenção de vender em lotes sua bela terra, a Harmonia. Essa especulação seria vantajosa, principalmente para o colono europeu. Em poucos anos, essas terras extremamente férteis alcançariam vinte vezes o valor do preço pelo qual poderiam ser adquiridas hoje. Em primeiro lugar pela sua proximidade de um rio, depois pela importância que ganha a agricultura na província de São Pedro, a mais saudável do Brasil, e em favor da qual a emigração sempre dirigiu suas preferências.

Os pastos da Harmonia alimentavam um número considerável de bois e de cavalos, pertencentes à Sociedade. Estes últimos são muito infelizes nos campos do Brasil. Sem abrigos, obrigados continuamente a procurar seu alimento,

sobrecarregados de fardos, freqüentemente machucados pelos arreios e obrigados a carregar e caminhar assim mesmo, esses pobres animais vivem pouco, seu valor é tão pequeno que ninguém se dá ao trabalho de deles cuidar.

Ofereceram-nos na Harmonia duas belas jumentas, tendo cada uma um filhote já grande pelo preço módico de vinte francos.

Atrelavam-se catorze ou dezoito bois ou touros a uma carreta de duas rodas. Podia-se carregar pouca coisa nesse veículo, que levava muito tempo para atravessar uma pequena distância, por esses caminhos precariamente reconhecíveis.

Chegado o dia de partir para a Colônia, eu quis fazer o trajeto a pé. Graças aos cuidados de Léon, lá me esperava uma habitação provisória. Diga-se, uma cabana feita de folhagens, coberta por grandes folhas duma espécie de taquara.

Um peão conduzia pela mão uma mula que levava os pertences de cama e algumas provisões.

Enfim! eu me encontrei em plena mata virgem. As árvores, os enormes cipós, a vegetação inteira, os pássaros com sua plumagem deslumbrante, tudo era novo para mim, tudo me maravilhava. No meio dessa jovem, grande, bela e viçosa natureza, o reconhecimento e o amor pelo Autor dessas maravilhas transbordavam da minha alma. Nunca eu tinha sentido a presença de Deus como nesse instante, e jamais pensamentos mais nobres purificaram meu coração.

O sol estava quente; mas seus raios peneirados pela folhagem das árvores tornavam a temperatura excelente. Nós tivemos que galgar, quase a pique, montanhas que faziam parte das Cordilheiras.

Essas subidas eram fatigantes, e foi com delícia que nós repousamos, ao entardecer, ao pé de uma pequena nascente.

Nosso guia colocou nossos colchões sobre uma camada de gravetos, desembrulhou nossas provisões e juntou galhos secos para fazer fogo.

Nós nos aprontamos para comer feijão preto e carne de porco frios, que tinham sido cozidos pela manhã e fechados em latas. O brasileiro pegou sorrindo nossos alimentos, colocou-os sobre brasas polvilhadas por cinzas e nos entregou nosso jantar aquecido no ponto certo.

O tempo estava muito calmo, nenhuma folha se movia; não se via uma nuvem no ar, as estrelas brilhavam num céu transparente, pareciam olhar, entre as folhas, esses estranhos hóspedes da floresta.

Um grito, ou antes, um uivo rouco interrompeu de repente o silêncio profundo da noite. O ruído, apesar de vindo de longe, nos amedrontava. O guia, nesse momento, estava dando a comer à mula as folhas de palmeira que ele tinha colhido para esse fim. Chamei-o e fiz-lhe sinal de escutar. - Tigre, disse ele. - Tigre? repeti tremendo um pouco.

Em parte por gestos, em parte por mau alemão, esse homem assegurou que nós não tínhamos nada a temer, que nessa época do ano o tigre passava raramente fome, e além disso, que preferindo ele a mula ao homem, ele agarraria primeiro o animal, caso a necessidade o trouxesse para nossa vizinhança.

Um ruído diferentemente estranho acordou-nos de manhã. Era a conversa de um bando de macacos ruços, que assistiam a uma reunião no cume da montanha ao pé da qual nós tínhamos passado a noite. Disse-nos o guia que esse falatório prognosticava chuva para o dia seguinte.

Esse bom homem tinha se munido, para seu uso particular, de uma marmitta de barro e de café cru. Em menos de meia hora ele torrou o café, triturou o pó com o auxílio da ponta grossa de um galho cortado e adaptado para esse fim, despejou o pó sobre uma grande folha, encheu de água sua marmitta, e quando a água começou a ferver, ele aí jogou o café triturado. Então, para nosso maior prazer, ele nos serviu a melhor infusão de café que eu jamais bebi em minha vida.

Agarrando-nos aos arbustos e aos cipós para galgar as montanhas, descalçando-nos para atravessar os pântanos e os riachos, as vestimentas rasgadas nas cercas e espinhos de um caminho indicado somente por uma árvore cortada aqui e acolá, nós chegamos a um planalto muito sombreado, muito pantanoso. Estávamos ainda a mais de uma légua de distância da colônia; não havia habitantes nos arredores, somente um cão spaniel de boa raça, imóvel, numa atitude de espera, estava atravessado no caminho por onde nós seguíamos.

Apesar dos prudentes avisos de nosso guia, eu me dirigi diretamente ao cachorro, que sem desconfiança deixou que eu me aproximasse e o agradasse com um prazer evidente. Seu olhar doce convidava-nos positivamente para o seguirmos. De tempo em tempo ele voltava a cabeça e quando as dificuldades do caminho tornavam nosso andar mais lento, o animal parava até que nós o alcanássemos.

Um quatro de légua adiante, encontramos Léon que vinha ao nosso encontro. Deve-se crer que meu falecido marido e eu transmitimos a Léon nossa simpatia pela raça canina, que aliás lhe retribui da mesma forma. Não há cachorro que não se prenda a ele de início, e o spaniel, nosso guia improvisado, fez a mesma coisa que os outros.

À vista de Léon, a alegria do cachorro traduziu-se por latidos e saltos. Meu filho retribuía-lhe agrado por agrado, sem porém explicar o seu encontro conosco.

O instinto afetuoso do animal, dizia ele, levou-o a mostrar-se antecipadamente à mãe do seu amigo, dando-lhe assim um feliz presságio à sua chegada ao deserto.

Nós éramos a terceira família que vinha morar nas quatro léguas quadradas que a sociedade Montravel era obrigada a povoar em tempo determinado.

Numa garganta de montanhas, junto a um bonito riacho cujo leito era forrado de pedregulhos, eu encontrei o rancho onde Léon havia disposto da melhor maneira possível as bagagens que nos haviam precedido.

Quatro forquilhas fixadas no solo, substituindo os pés da cama, sustentavam quatro paus que formavam a moldura do estrado. Nesses paus estava preso um tecido entrelaçado de cipós que supria verdadeiramente um enxergão de molas; nossos colchões jogados em cima desse estrado formavam umas camas bastante confortáveis.

A seis quartos de légua do nosso rancho, morava nosso vizinho mais próximo. Era um francês jovem. A mãe, que habitava Porto Alegre, o havia feito substituir no exército francês da Itália, onde o rapaz ocupava o posto de sargento-mor. Ele tinha mandado construir para si um bonito chalé, e lá vivia só. Seu nome era Artus. Tinha tomado a peito seriamente sua condição de colono. Ao mesmo tempo que deplorava seu isolamento, ele trabalhava como um mercenário, vivia como um anacoreta, com uma fé forte no futuro.

Veio visitar-nos alguns dias após a nossa chegada, deu-nos excelentes conselhos para o desmatamento e as culturas e se colocou inteiramente ao nosso dispor. Ele estava tão feliz de encontrar companheiros na sua solidão, que de medo de os perder ele só nos fazia ver o lado bom de todas as situações.

Um alemão, após ter desmatado uma parte dum terreno lindando com nossa colônia, tinha abandonado sua exploração. Meus filhos plantaram essa roça à espera que nosso lote de mata virgem fosse convertido em terra que pudesse ser arada.

A primeira plantação consiste invariavelmente de milho e feijão preto. Estes são plantados de meados de agosto até fins de setembro para serem colhidos no fim do ano. Em fevereiro replanta-se feijão que produz uma segunda colheita em fins de junho. Acontece às vezes que essa segunda colheita falha nas áreas mais elevadas, quando as geadas chegam cedo. Aconteceu-nos de ter, mesmo nos terrenos baixos, a segunda colheita de batatas sacrificada numa única noite.

A falta quase total de vias de comunicação obrigava a destruição do mato cortado, pelo fogo. Os troncos que não tínhamos conseguido queimar, ficavam apodrecendo ao ar livre, o que me impedia de plantar à sua volta. No entanto, que imensa renda representariam essas belas madeiras, se enviadas à Europa para marcenaria e construção.

Mesmo no Brasil, nas cidades, as diferentes qualidades das árvores das florestas virgens não são conhecidas. Nós lá encontramos uma madeira branca e rija como o marfim, outras de um amarelo escuro com fibras muito densas como o buxo. Fabricantes de móveis, com os quais eu conversei em Porto Alegre sobre o assunto, nunca as tinham visto nem ouvido falar delas.

Que lástima ser absolutamente necessário destruir essas fontes de riqueza por causa das inamovíveis dificuldades do transporte. Certamente esse é um dos motivos que justificariam logicamente desmatar em primeiro lugar todas as margens dos rios.

Os primeiros dias passados nesse rancho sob a influência de um clima admirável, em família, no centro de u'a mata imensa, onde mil vozes, mil ruídos desconhecidos tinham um encanto estranho, onde essa natureza nova parece transformar o homem e inspira piedade pelas mesquinhas da civilização europeia - foram tão doces, tão encantadores, que palavras não saberiam reproduzir essa felicidade.

Evidentemente, se essa medalha não possuísse seu reverso, abandonar uma tal existência seria absurdo ou um ato de loucura. A felicidade prometida aos eleitos não podia ultrapassar a nossa. As magnificências de Deus nos rodeavam, nós O adorávamos nas Suas obras, nós O possuímos nelas. A liberdade,

esse sonho ilusório do velho mundo, nós a gozávamos na sua mais completa expressão, e as necessidades materiais eram tão poucas, que não chegavam a nos preocupar. Mas a Sociedade Montravel, diante da obrigação de cumprir seu contrato com o Governo Brasileiro, tinha pedido colonos aos agentes de colonização na Europa. Estes lhe expediram não a escória da gentilha, mas sim os piores dessa escória.

A chegada do primeiro transporte composto inteiramente de alemães poucos nos interessou. Deram a eles colônias bastante distantes da nossa, para nos preservar de todo contato com eles.

Infelizmente o mesmo não aconteceu com a segunda leva. Ela nos trouxe alguns belgas, recrutados nas prisões e nos abrigos de mendigos.

A uma dessas famílias foi concedida a posse da colônia mais próxima da nossa. A habitação, que nós tínhamos construído para nós, dava sobre o caminho desses vizinhos; eles teriam porém a possibilidade de escolher à vontade o trajeto que os levasse à sua casa, mas certamente eles passariam pelo caminho aberto por nós e que passava diante de nossa casa.

Foi isso que aconteceu. Essa gente parava à nossa porta; eram o pai, a mãe e dois filhos - menino e menina. Nunca na minha vida eu esquecerei a repulsa instintiva que me inspirava essa família. O homem grande, derreado, tinha uma atitude inquietada, um olhar desconfiado, suas expressões eram grosseiras e cínicas, suas maneiras repelentes. A mulher era positivamente a encarnação do vício. Seus grandes olhos atrevidos, sua cabeça achatada como a de uma víbora, o lábio inferior pendurado descobrindo dentes grandes e amarelos, uma linguagem na qual a ousadia e a obscenidade eram visivelmente qualidades naturais, denotavam bem a criatura que (como o soube mais tarde) safa de uma penitenciária onde ela estivera presa durante dois anos por cumplicidade num crime infame, cometido numa menor, numa casa onde seu marido sustentava o vício e suas sacerdotisas.

Nos seus dois filhos, na menina de onze anos de idade, e no menino de dez, não restava mais nada de infantil. Todo o vício da humanidade se achava neles em embrião já desenvolvido demais para permitir a esperança na possibilidade deles virem a percorrer de novo um caminho honesto. Essa depravação tão profunda nas crianças apertava o coração. E, no entanto, eu estava longe de imaginar o que esses pais infames iam fazer dessa menina, tão nova, alguns meses mais tarde.

Porque no ato de venda de uma colônia estava estipulado que o comprador era obrigado a permitir aos outros colonos a passagem sobre todos os pontos de sua propriedade se assim lhes aprouvesse (condição essa que torna a posse ilusória), e que interessou a meus vizinhos trilhar uma parte do caminho que levava à nossa casa, eu tinha diante de mim a aterrorizante perspectiva de um contato forçado e diário com essas amostras de todas infâmias do mundo, das quais nós aqui nos sentíamos felizes de estarmos distantes. Desde então me veio o pensamento de deixar a colônia.

No ano seguinte a mulher ignóbil morreu de uma doença terrível. O dedo de Deus a havia atingido na América.

Entre os colonos vindos da Alemanha havia ladrões, incendiários, assassinos. Quase todos eram indivíduos que haviam passado de quatro a doze anos na prisão e com os quais receávamos nos encontrar na mata.

Entretanto, é justo que se diga que a Alemanha não envia só bandidos para o Brasil. Muitos alemães são trabalhadores infatigáveis; nada os assusta e pouca coisa os desanima. Eles comem bastante, mas não são gulosos. Além disso a ordem e o trabalho dão inevitavelmente a essa gente um bem estar que eles nunca teriam conseguido na sua pátria de origem.

Não acontece a mesma coisa com os holandeses. Sem coragem moral e sem forças físicas, eles tornam-se colonos lamentáveis. A sorte da leva que chegou à colônia de Montravel foi deplorável.

Os agentes de colonização na Holanda haviam espalhado nas aldeias brochuras dirigidas àqueles que desejavam enriquecer com certeza e depressa. Af se dizia que no Brasil todos os riachos tinham um leito de diamantes e pedras preciosas, que o ouro era encontrado em toda a parte, que lá se juntavam esses valores a mãos cheias, que a terra produzia sem cultivo e que depois de alguns anos se poderia de lá regressar carregado de riquezas.

Essa radiante perspectiva seduziu um grande número de famílias aldeãs. Nesse número encontrava-se um pequeno lavrador, pai de oito filhos, que nunca tinha se afastado de sua aldeia. Esse infeliz tinha vendido sua bonita casinha, seus móveis e alguns pedaços de terra para vir buscar no Brasil essa fortuna fabulosa prometida aos colonos. A fatalidade fez com que essa gente fosse a Antuérpia algumas semanas antes de seu embarque.

Não conhecendo nada da vida na cidade, eles deixaram levar pelas seduções de todo o gênero de um porto de mar. O lavrador, munido da soma proveniente da venda da propriedade onde eles tinham vivido até então sem privações, onde tinham sido criados seus filhos, e onde o seu trabalho produtivo lhe tinha garantido o pão na velhice, o lavrador, digo, passava uma grande parte do tempo nessas casas, das quais um pai de família, que deve pregar com seu exemplo, nunca deverá se aproximar. Ele lá se arvorou em anfitrião de seus compatriotas, deixava que seus filhos se locupletassem do seu pequeno tesouro, e os jovens por sua vez não se abstiveram de nenhuma distração. O dinheiro ia-se rapidamente, e quando a mãe tentava pôr um fim nessas despesas loucas, seu marido lhe dizia: Bah! daqui a alguns dias nós embarcamos para o Brasil, e uma vez lá nós teremos logo juntado, duzentas vezes, talvez, a soma que nós gastamos aqui.

Ai de mim! Chegados à colônia de Montravel, essa pobre mulher foi logo desiludida, chegou a ficar doente. Morreu em poucos dias na miserável cabana que seus filhos tinham construído às pressas, e que não estava ainda inteiramente coberta.

A dor do lavrador foi grande e seu desânimo completo. A discórdia grassou entre ele e seus filhos, que o abandonaram. Três criancinhas foram as únicas que ficaram com o pai; a última vez que o vi seu desespero me fez temer o suicídio ou a loucura.

Um outro holandês havia deixado seu emprego de capataz de um grande lavrador, e na crença das promessas da famosa brochura, ele veio para o Brasil com três filhos e uma esposa grávida. Quando esse homem se convenceu que nada era menos certo que uma colheita de ouro e de pedras preciosas, quando viu que para alimentar sua família ele não poderia contar a não ser com seu trabalho manual, no começo infinitamente mais duro do que o que lhe dava para viver na

Holanda, tornou-se triste e perdeu toda a energia. Entretanto, ele tinha a aparência de um homem robusto, possuía uma estatura alta, só tinha vinte e oito anos de idade e sua fisionomia denotava um caráter resoluto. Um dia eu o encontrei na floresta: ele estava doente e caminhava lentamente. Parou, e com lágrimas na voz disse-me: - Meu Deus, Madame, o que fiz eu deixando a Holanda onde eu tinha meu pão garantido! Nunca eu poderei, sozinho, aqui ganhar a vida para minha mulher e em breve quatro filhos.

Eu me esforcei por levantar seu ânimo, citando-lhe o exemplo de outros colonos que, partindo do mesmo ponto, tinham conseguido, com um trabalho incessante, criar para si uma grande abastança. Certamente, acrescentei, o desmatamento é um acréscimo de tarefa, mas a extrema fertilidade do solo compensará esse trabalho, que além disso é feito uma única vez. Acredite-me, Sneider, o ano que vem você estará reconciliado com sua nova posição.

O infeliz rompeu em soluços, - Eu não verei, disse ele, nem um outro ano, nem mesmo um outro mês; o engano foi grande demais, eu não resistirei.

No dia seguinte ao anoitecer a febre lhe produziu um delírio que durou três dias, no quarto dia a esposa de Sneider estava viúva.

A Sociedade cedeu a essa mulher dois trabalhadores que desmataram e plantaram uma parte de sua terra.

Três meses depois, tinha ela dado à luz apenas há algumas semanas, casou-se de novo com um alemão que a faz muito feliz, trabalha bastante e substitui tanto quanto possível, junto aos órfãos, o pai que eles perderam.

Uma terceira família holandesa, atacada de melancolia pela ausência dos tesouros que a haviam atraído ao Brasil, cruzou os braços e se negou a trabalhar. A mãe e os três filhos morreram em quinze dias; o pai enterrou-os à entrada da sua cabana e abandonou a colônia.

Não longe de nós, veio se estabelecer uma família indígena, composta de oito pessoas. Eram verdadeiros peles vermelhas, de raiz índia. A Sociedade empregou o marido, seus dois irmãos e os dois filhos de sua mulher, da qual ele era o segundo marido, para fazer estradas e abrir picadas que separassem entre si as colônias; eles tinham comprado duas por sua própria conta e as cultivavam perfeitamente.

Possuíam diversos cavalos e uma mula que eles alugavam aos colonos para transporte do milho ao moinho ou para ir à venda. Os homens se encarregavam da construção de cabanas. Eles construíram uma de duas peças bastante grandes, bem vedadas, munida de uma porta com fechadura, com três janelas e coberta de telhas de madeira, por duas onças de ouro (centro e oitenta e seis francos). Além disso eles procuravam os habitantes das margens dos rios para lhes propor cavar uma canoa no tronco de uma árvore: esse serviço era muito bem pago.

O marido chamava-se Maximiliano Nunes, o nome de família da mulher era Máxima. O mais velho de seus filhos, João, casado com uma sobrinha de Maximiliano, explorava as terras duma das duas colônias.

A senhora Nunes era uma mulher singular: boa, generosa, sensível, serviçal em excesso, no seu estado normal; desaparecendo porém todas essas qualidades quando a sombra de uma suspeita sobre a fidelidade conjugal de seu

marido surgisse no seu espírito. Então, de feia que ela era, tornava-se medonha, sua cólera era uma loucura, qualquer arrazoamento para a acalmar era inútil; somente a violência das cenas que esgotavam as suas forças restituía-lhe a razão.

Na sua cabana, extremamente pequena, moravam só Maximiliano e sua mulher. Os outros membros da família preparavam cada noite seus leitos sob um grande galpão, que servia de cozinha e de sala de jantar. Habitualmente, à roda do fogo, estavam deitados cinco ou seis cães de todos os tamanhos e de uma magreza lamentável. Esses cães serviam para a caça, mas eles não a traziam para seu dono, de maneira que se a caça atingida ou morta caía ou se refugiava num matagal inacessível ao caçador, o cão se regalava com ela. De resto, esses pobres animais, obrigados a procurar seu alimento, não podiam compreender que sua refeição, autorizada na véspera, lhe seria proibida no dia seguinte, pela única razão que o seu dono a desejava para si.

A Sociedade pagava um médico que toda a quarta-feira, durante duas horas, os colonos podiam ir consultar no rancho da administração. Os que a doença prendia nas suas casas, saravam por si mesmos ou morriam sem que ninguém se incomodasse com isso.

A senhora Maximiliano era a providência destes últimos. Essa mulher conhecia o segredo da flora medicinal das matas. Ela tinha remédios para todos os sofrimentos físicos e fazia verdadeiramente curas espantosas. Eu assisti a uma, cuja narração até agora só encontrei incrédulos, e no entanto todos os colonos de Santa Maria da Solidão podem confirmar sua exatidão.

Passeando, eu tinha chegado à casa da Senhora Nunes. Encontrei-a no seu galpão, agachada perto do fogo, fumando um cachimbo que Léon lhe tinha feito com um pedaço de pau cavado e um osso de macaco como canudo. Ao mesmo tempo ela cuidava do cozimento do mate, do qual ela me presenteou uma xícara. Eu estava habituada a essa bebida amarga mas refrescante, e aceitei-a com prazer. A senhora Nunes me contava que ela tinha passado a noite junto a uma mulher a quem ela tinha assistido o parto, quando nós vimos um holandês passar a alguns passos do galpão, caminhar penosamente carregando uma criança de três anos que ele trazia no braço, e ao mesmo tempo fazendo avançar com grande dificuldade uma outra mais velha. O calor estava sufocante e o homem parecia extenuado de cansaço. A senhora Nunes chamou-o. Ela o fez sentar e lhe deu, assim como às duas crianças, mate muito açucarado, depois perguntou-lhe porque ele carregava uma criança que parecia saber andar muito bem. O pobre homem mostrou uma hérnia que afligia o seu menino desde há três anos; o outro sofria do mesmo mal. - É necessário ir ao rancho consultar o doutor, disse eu. - É inútil, disse nossa hospedeira, se não chover domingo próximo, ele que venha aqui com seus filhos, eu os curarei. Quando o homem partiu, eu perguntei à senhora Nunes se ela tinha à sua disposição apetrechos usados em tais circunstâncias. - Eu curarei os meninos sem drogas e curativos, disse ela; de resto venha aqui domingo, e a senhora verá.

No dia combinado, a curiosidade me fez ir à sua casa. Seu filho, obedecendo uma ordem sua, tinha ido à floresta à procura de uma figueira selvagem. Descobriu uma perto, e para lá levaram o pai e as duas crianças que tinham vindo de madrugada.

Quando chegaram perto da figueira, a senhora Maximiliano aplicou a sola do pé descalço de uma das duas crianças contra a árvore; com a ponta de uma faca ela traçou na casca da figueira o contorno do pé, afela colocou o mesmo pé (o do lado onde havia a hérnia) transversalmente sobre essa primeira impressão e riscou um segundo contorno que cruzava o primeiro.

Fez a mesma operação com o pé da outra criança. Então ela desprende a casca que se encontrava entre os riscos dos quatro contornos e guardou-a num pequeno saco de fazenda trazido especialmente para esse fim.

- Agora, disse ela, que ninguém se aproxime desta árvore antes da cura das crianças. Esta cura será radical no momento em que a casca da árvore tiver se unido de novo, e que a parte retirada estiver seca e reduzida a pó.

Eu confesso que minha confiança no sucesso da operação não era nada profunda. Percebia-se que a fé do pai no alto saber da senhora Maximiliano não era mais tão forte como anteriormente. Ele voltou da floresta mergulhado em pensamentos e foi-se embora evidentemente menos convencido do sucesso do que na sua primeira visita.

Três ou quatro semanas depois tornei a vê-lo: precipitei-me para saber notícias de seus filhos. Com meu grande espanto esse homem me garantiu que as duas rupturas não eram mais quase visíveis e que segundo todas as probabilidades elas desapareceriam em pouco tempo.

Esta esperança se realizou: antes da minha partida da colônia, eu encontrei o pai e os filhos, e os meninos estavam perfeitamente curados.

Uma outra vez foi um colono que pisou despercebidamente numa cobra e foi mordido na perna que inchou terrivelmente causando-lhe dores atrozes. Imediatamente foram pedir à senhora Nunes para ir socorrer o paciente. Ela porém não estava disposta a se incomodar. Pegou um copo, encheu-o de água da fonte, fez sobre ela um sinal da cruz e derramou-a numa caneca de lata, recomendando que fizessem o doente tomá-la imediatamente. Este tinha grande confiança na eficácia do remédio, e ele tinha realmente razão. Apenas esvaziada a caneca, a inchação diminuiu, as dores cessaram e o homem ficou curado.

Essas curas são incríveis, impossíveis mesmo do ponto de vista científico, no entanto elas são verdadeiras. Não são elas porém os únicos fatos inexplicáveis sobre a senhora Maximiliano. Sua cólera era temida, pois todos estavam convencidos que o doente a quem ela se negasse tratar não teria esperanças de viver.

Essa mulher conhecia pouco sobre religião, mas tinha uma grande veneração pela Virgem Maria e por Santo Antonio. Eu tinha na minha casa uma pequena imagem da Madona carregando seu Filho divino. Essa imagem era o alvo das respeitadas homenagens da senhora Nunes e de sua nora. Todas as vezes que vinham me visitar, elas traziam velas de cera feitas por elas próprias para acenderem diante das Santa Maria.

Elas desciam a imagem da prateleira alta em que se encontrava e a beijavam devotamente. Uma tarde de sábado, eu subi sobre uma cadeira para colocar ao lado da santa imagem a lamparina que nós tínhamos por hábito acender toda a semana em honra da Mãe de Cristo, no dia consagrado especialmente à sua veneração. Para minha grande surpresa vi diante da imagem uma pequena lata que

não poderia ser vista de baixo. Como sempre eu tinha me limitado a esticar o braço para tirar e repôr a lamparina e não tinha percebido esse mealheiro que estava repleto de moedas de cobre e prata.

Sendo a senhora Maximiliano e sua filha as únicas pessoas que se aproximavam da santa, essas ofertas só poderiam ter sido feitas por elas. Eu as encontrei nesse mesmo dia e elas confessaram que cada vez que elas vinham saudar a Virgem Maria, colocavam perto dela umas moedas miúdas destinadas a lhe comprar um coroa de ouro ou prata. Enfim a senhora Nunes cobiçava tão ostensivamente e tão ardentemente minha Santa Virgem, ela estava convencida de que sua posse trazia tanta felicidade, que eu lhe permiti levá-la para si junto com suas piedosas oferendas. A princípio ela pensou que eu não estava falando seriamente, mas quando eu lhe garanti que a Santa Maria lhe pertencia realmente, a sua alegria foi imensa. Estava ansiosa de possuir seu tesouro e quis voltar para casa imediatamente. Pediu-me emprestado um lenço de musselina para embrulhar a pequena Madona, e desta maneira carregou-a em silêncio e respeitosa-mente à sua cabana.

No dia seguinte eu vi lá a Virgem, sobre um altar guarnecido de retalhos de fazenda de cores diferentes e vivas, rodeado de ramos verdes, duas velas de cera constantemente acesas. A senhora Nunes dizia que a Mãe de Deus não negava nada a quem conservasse uma lamparina acesa sobre seu altar.

Ela possuía, preciosamente enrolado num pedaço de pano, um papel no qual estava escrito que o padre N..., padre da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, proibia à doença de entrar na casa de Maximiliano Nunes. Ela não conhecia pessoalmente o indivíduo que por doze francos lhe havia vendido essa garantia contra a cólera. E quem sabe se a fé nesse amuleto não preservaria realmente do mal, que freqüentemente é causado pelo receio?

A crença supersticiosa da senhora Nunes me provava a boa fé com que ela acreditava na eficácia de suas próprias práticas. De minha parte eu estou persuadida que a imaginação representava muito em diversas curas da senhora Maximiliano, a quem os colonos atribuíam um poder oculto.

Na família dos Nunes a festa de São João era celebrada da mesma maneira que em diversas aldeias na França. Preparava-se, sobre uma elevação de terreno, uma fogueira imensa; mais ou menos às dez horas da noite se acendia o fogo, e passava-se a noite em divertimentos.

Eu tinha sido convidada para a festa de São João pela senhora Maximiliano com três semanas de antecedência e aceito o convite, mas ao chegar o dia marcado, eu o tinha esquecido completamente.

Em junho, no Brasil, está-se em pleno inverno. O tempo estava chuvoso e frio; eram nove horas da noite, eu me aprontava para me deitar, quando vi na minha frente, sem eu ter percebido a sua vinda, um indivíduo descalço, enrolado num poncho. Era Maneco, um irmão de Maximiliano.

- Dona Maria, disse-me ele muito sério, prometeu vir passar em nossa casa a festa de São João.

- É verdade, Maneco, mas eu tinha me esquecido, diga à sua irmã que sinto muito.

- São nove horas, Dona Maria, ainda chegará a tempo para ver acender a fogueira e tirar a sorte.

- O que você está pensando Maneco? Eu mal atravesso a mata de dia como é que você quer que eu o faça de noite? E além disso os três riachos que teremos que atravessar devem estar muito cheios pelas chuvas. Como atravessá-los, ainda mais à noite?

- Eu guiarei a Dona Maria e a carregarei através dos riachos.

- Não, disse-lhe impaciente, não, eu não sairei agora. Amanhã prometo-lhe que irei à vossa casa, garanta à sua irmã e mande-lhe minhas lembranças.

Maneco, esse três quartos de índio, não respondeu mais; foi buscar um galho de árvore cheio de folhas e com ele varreu as cinzas do lado do fogo, tirou seu poncho, estendeu-o no chão e pretendia deitar-se sobre ele, quando eu lhe perguntei o que significavam tais preparativos.

- Eu prometi levar Dona Maria à casa de Maximiliano, não posso voltar sem ela, esperarei aqui até amanhã.

Que fazer? Não somente eu não fazia questão de abrigar Maneco em minha casa, mas me contrariava de o privar por minha causa de uma reunião de família, da qual já se falava há tanto tempo, como sendo uma festa divertida. Apesar de contra a vontade me decidi a seguir o mensageiro pele-vermelha. Tranquei minha cabana e entrei corajosamente na mata com meu companheiro.

Atravessei os riachos, a água até os joelhos. No meu íntimo não poupei insultos a Maneco; quando eu entrei no galpão de Maximiliano cheguei a sentir-me mal.

A senhora Nunes tinha previsto o lamentável estado em que cheguei. Diante de um fogo enorme me esperava uma tora de madeira, sobre a qual ela me fez sentar. Ela se ajoelhou diante de mim, descalçou-me, banhou-me os pés em água morna, calçou-me meias secas e um par de bonitos tamancos confeccionados por ela para mim.

Os tamancos são solas de madeira com guarnições de couro ou tecido enfeitadas com bordados ou fitas de seda.

A mesa estava posta - isto é, sobre táboas de dois pés de comprimento pregadas transversalmente ao longo de duas fortes ripas, apoiadas por sua vez em dois paus, dos quais as quatro extremidades estavam pousadas em quatro cavaletes fixos no solo - estavam apresentados em pratos, em gamelas e numa tijela, arroz temperado com toucinho, feijão preto, carne seca, a carne de dois macacos temperada de maneiras diversas, carne de porco fresca grelhada, doces de milho verde, forte vinho tinto de Portugal, café, mate.

Maximiliano, sentado no centro do galpão, empunhava a guitarra de doze cordas de metal, que se chama, se não me engano, "viola", afinava o instrumento, enquanto seu filho mais velho, em honra de quem a festa era celebrada, caminhava por ali, muito sério, descalço, vestido com uma calça branca e enrolado no seu poncho.

A refeição começou. A senhora Nunes e seu marido comiam da mesma gamela. João e sua mulher procediam da mesma maneira, os três outros

jovens foram servidos no mesmo prato. Um mulato jovem, que circulava para servir a todos, engolia apressadamente a sua parte do banquete que lhe fora apresentada sobre uma vasilha qualquer, ou mesmo sobre folhas de milho: eu era a única que possuía um prato.

Depois de satisfeita a primeira fome, houve tiros de pistola, descarregaram-se carabinas e fuzis, acenderam-se fogos trazidos de dez léguas de distância.

Enfim acendeu-se a fogueira que, erigida sobre uma parte desmatada da montanha, contra a floresta negra, produziu, quando a labareda de fogo pegou nas últimas camadas de lenha, um efeito deslumbrante.

Enquanto isso Maximiliano preludiava em seu instrumento, repetindo uma cadência de cinco notas, sempre as mesmas.

Sua mulher levantou-se para abrir o baile com seu filho jovem e um dos rapazes, seu cunhado. Este, o corpo muito inclinado à direita, as duas mãos firmemente apertadas ao longo das coxas, o outro inclinado o mais possível à esquerda, os braços igualmente colados ao lado do corpo, e a mulher direita e tesa como uma estátua, começaram a dança que consistia num pisar em cadência comandada pela música de Maximiliano.

Os rapazes executavam esse bate-pé conservando sua posição inclinada respectiva. Passavam um diante do outro, seguiam-se, davam-se as costas, executando sempre os mesmos passos, apesar de, conforme as figuras, baterem o solo com mais ou menos força. Evidentemente eu assistia a uma dança de aspecto e origem pele-vermelha.

À meia noite começaram a tirar as sortes. Cada um pegou um copo branco cheio até a metade de água transparente e um ovo fresco daquele dia. Quebrava-se a casca do ovo na beira do copo e deixava-se escorrer o ovo sobre a água. Se a água se conservasse límpida, era bom agouro, o contrário predizia mortes e infelicidades de toda espécie. Se se soltassem do ovo pequenos glóbulos que subissem à tona era certo o recebimento de diversas onças de ouro durante o ano. Enfim, na clara do ovo podia-se descobrir fatos a acontecer de interesse geral, como boas ou más colheitas, assassinatos que seriam cometidos pelos índios, chegadas de policiais para recrutar à força, fato este que é o terror dos jovens brasileiros, a quem a situação de militar é especialmente antipática. Finalmente os ovos preconizaram uma quantidade de acontecimentos inevitáveis, que revelados na noite de São João, eram considerados desde já como realizados. A noite de São João possui com exclusividade o dom da profecia, as consultas com o ovo em outras épocas do ano não têm o mínimo significado.

A festa durou até a manhã seguinte. Apesar da chuva que continuava a cair, eu quis voltar para casa. Cafá de sono e de cansaço. A mulatinha acompanhou-me carregada de uma quantidade de presentes culinários oferecidos por meus hospedeiros.

Eu revi minha cabana com verdadeiro prazer. Minha companheirinha apressou-se em tirar as brasas da lareira e de as espalhar, para afastar a umidade, diante da minha cama, onde eu me deitei deliciosamente. Quando acordei, a menina me esperava com café quente e broinhas de farinha de milho assadas sob a cinza.

Quando as terras da colônia foram concedidas ao Conde de Montravel, este se comprometeu verbalmente com o Imperador do Brasil a não as ceder a não ser a famílias católicas. Esta cláusula nunca foi observada, pois o número de católicos lá beneficiados era bem inferior ao de protestantes. O gerente da colônia, ele mesmo protestante, concedia aos católicos somente o que lhe seria impossível negar. Haviam construído para ele uma bela e espaçosa casa que ele punha à disposição do ministro protestante, que lá celebrava freqüentemente os serviços de seu culto, enquanto que os poucos padres católicos, que de longe em longe visitavam as colônias, eram obrigados a rezar a missa, ouvir confissões, administrar a comunhão, confirmar o sacramento do matrimônio, num miserável canil que servia de depósito e que mal continha doze pessoas.

As terras da colônia eram excelentes, davam colheitas magníficas, somente a impossibilidade de transporte é que tornava nulo o seu valor. Hoje em dia, diz-se, um agente da Sociedade compra essas colheitas e utiliza as mulas da administração para transportá-las com dificuldades e fadigas sem nome, seja até o Jacuí, seja a qualquer venda do interior que mantenha relações com Porto Alegre. Deduzidas as despesas de transporte, os lucros dos colonos devem ser mínimos.

À medida que aumentava a população da colônia, a caça recuava às matas não exploradas. As jacutingas, espécie de faisão muito abundante então, estavam se tornando raras. Os caçadores estavam reduzidos aos papagaios e aos macacos, apesar do número destes últimos estar consideravelmente diminuindo, os tatus tinham sido dizimados, e a caça livre, em qualquer estação do ano, tinha despovoado a colônia de diversas qualidades de perdizes que eram então mortas mesmo em tempo de cria.

No tempo em que morávamos no nosso rancho, e em que na colônia só existiam quatro famílias, num domingo pela manhã Maximiliano veio buscar Léon para irem juntos caçar cabritos.

Nessa manhã, mais tarde, eu vi descendo da montanha em frente ao nosso rancho um homem vestido com uma manta vermelha, seguido por dois grandes cães de caça, tão horrivelmente magros, que eu me admirei de os ver de pé. Este homem tinha um aspecto e uma voz estranhos. Aproximou-se e me perguntou por Maximiliano. Eu indiquei-lhe a direção que os caçadores tinham tomado; ele me agradeceu e foi-se para o lado oposto. À noite eu contei a Maximiliano esta visita singular; ele não fazia idéia de quem poderia ser esse homem de manta vermelha, não conhecia nem tal indivíduo nem tais cães.

Esta noite sobreveio uma grande chuva e o céu estava negro. Um tiro de fuzil, dado nas proximidades do rancho nos despertou; não seria possível caçar com um tal tempo, e além disso exceto Maximiliano que já regressara à sua casa há muito tempo, nenhum dos colonos era caçador.

- Provavelmente, disse Léon, o homem que veio procurar Maximiliano perdeu-se. Eu vou atirar com meu fuzil lá fora para o atrair para cá. Um outro tiro de fuzil respondeu ao do meu filho. Léon atirou duas vezes ainda, mas não apareceu ninguém, e os tiros cessaram.

Eles recommçaram na noite seguinte, e desta vez vinham de direções diferentes; os tiros provinham de armas de calibres diversos e pareciam corresponder-se entre si.

As outras famílias também tinham ouvido o tiroteio de cada noite e, como nós, podiam supor o motivo. Durante seis semanas, cada noite nos apresentava o mesmo enigma.

Enquanto isso, nossa cabana edificada no centro da colônia tinha ficado pronta; como a primeira leva de emigrantes tinha recebido terrenos afastados, nós nos achávamos sempre muito isolados. Só o terreno na frente da nossa habitação era desmatado, nos fundos ela era distante apenas alguns metros da mata.

Uma tarde nós conversávamos à porta da casa, quando ouvimos gritos lamentosos de um cão, ao mesmo tempo que risos e vozes estranhas vindos da parte da floresta que lindava com nossa cabana. Um cachorro chegou perto de nós arrastando sua corrente, com o único fito de nos fazer uma visita. Os risos estranhos continuavam, falava-se alto uma língua desconhecida e as vozes eram numerosas. Não sabíamos o que devíamos temer, mas não nos sentíamos nada seguros. Em todo o caso Léon pegou seu fuzil e armou-o. Confesso que meu coração batia ansiosamente, mas o ruído afastou-se e nós entramos em casa.

Perto da meia noite uma voz assustada, vinda da mata, gritou - Senhor Léon, senhor Léon, em nome do céu, abra a porta e nos ilumine.

Meu filho acendeu uma lanterna e saiu em direção à floresta. Ele encontrou-se com as mulheres da família de Maximiliano, que, carregando duas crianças e tudo o que elas possuíam de precioso, vinham se refugiar em nossa casa.

Elas nos disseram que à volta de sua habitação rondavam homens com caras horríveis, dando gritos amedrontadores. Durante toda a noite eles tinham dado tiros de fuzil sempre com acompanhamento de horríveis brados. Nenhum homem da família Nunes estava presente. Essas mulheres, coitadas, convencidas de que sua cabana estava rodeada de índios, tinham conseguido escapar nas trevas e traziam com elas tudo o que haviam podido carregar.

Estavam munidas de armas de fogo e de facas de caça. Serviam-se perfeitamente desses brinquedinhos. León colocou as suas à mão. Nós reavivamos o fogo, fizemos café; estávamos prontos a receber o inimigo, fosse ele quem fosse, mas a noite passou sem maiores acontecimentos.

Esses índios, a quem os habitantes do país chamavam de bugres e dos quais eles tinham um medo horrível, são tribos de peles-vermelhas que permaneceram em estado selvagem e que diversas vezes devastaram as colônias incipientes. A sua presença significa a morte para os homens e para as crianças; as mulheres eles carregam consigo depois de pilharem as habitações.

Mas esses selvagens não possuem armas de fogo e não andam vestidos; os vislumbrados pela senhora Maximiliano possuíam fuzis e não estavam nus.

No dia seguinte, Léon foi encontrar Maximiliano, seus genros e irmãos, e depois de lhes ter narrado os sustos da noite anterior, foram juntos explorar a floresta.

Galhos de árvore quebrados provavam a passagem de pessoas que tinham querido desta maneira assinalar seu rumo, mas eles não viram ninguém.

Alguns dias depois os tiros cessaram. Tudo nos fez crer que um bando de negros fugitivos tivesse adotado esta parte da mata como seu ponto de encontro e que a tivesse abandonado apenas completada sua reunião.

Contava-se que os negros fugitivos possuíam uma reserva só conhecida deles, rodeada de enormes montanhas rochosas, que ninguém, a não ser os iniciados, podia transpor. Imaginava-se que eles lá tivessem terras cultivadas, e só de lá saíssem para compras de roupas, de pólvora e de chumbo. Parece que o medo de serem presos de novo os torna feroces, que as precauções que lhes inspira esse temor se traduz freqüentemente por assassinatos. A pilhagem é o único meio de suprir as suas necessidades, de maneira que as habitações isoladas têm razão de sobra de temer as suas visitas.

Quando meus filhos iniciaram seu aprendizado de agrimensor, eu ficava freqüentemente só durante algumas semanas. Que noites eu passava então em ansiedades mortais! Quantas vezes ouvindo esses gritos que nada tinham de voz humana nem animal, eu imaginava que já tinha visto meu último sol!

Uma noite ouvi mexer sob o galpão que me servia de cozinha, ouvi idas e vindas, mas não se falava nada. Decidida a me defender caso entrassem em minha cabana, eu me levantei e, armando-me com uma grande faca, aprontei-me a repelir a agressão, viesse ela de qualquer lado ou fosse ela de qualquer natureza.

Quando raiou o dia todo o barulho havia cessado, eu me aventurei a sair. A alguns passos do galpão vi um cesto cheio de espigas de milho, que na véspera eu havia deixado no galpão. Ele estava quase vazio; não faltava mais nada na cozinha. Este cesto cheio estava tão pesado que eu imaginei que seria necessário ao menos uma anta para arrastá-lo. Ruminando essa suposição, eu caminhava só por caminhar. Parando um instante à beira do riacho, eu recebi sobre a cabeça um galho de árvore atirado com violência. Levantei os olhos e vi, sobre a árvore à minha frente, um grande macaco ruço que dava a impressão de olhar curiosamente o efeito de sua provocação, e que se equilibrava sobre o galho mais baixo de uma espécie de nespereira. Outros macacos saltavam sobre as árvores vizinhas, pulavam, perseguiam-se, agarravam-se pelo rabo aos cipós, e, longe de se sentirem tolhidos pela minha presença, me faziam caretas.

Certa agora da identidade dos meus ladrões de milho, eu não me inquietava mais, mas quis amolá-los na noite seguinte. Para isso, eu amarrei fortemente o cesto, cheio de lindas espigas descascadas, a um poste, para que os macacos não as pudessem levar a não ser pegando-as com as mãos.

Sabe-se que quando um campo de milho está maduro, e que as famílias de macacos o atacam, eles fazem uma cinta de espigas que amarram com a palha e às vezes devastam em uma noite a maior parte de uma colheita. O cesto estava então amarrado e dentro estava o milho. Eu espiava os meus ladrões por um burraco que eu tinha feito na taipa da cabana ao lado da cozinha. Dois grandes macacos experimentaram primeiro empurrar o cesto. Vendo a inutilidade de seus esforços, e prudentes demais para ficarem sob um telhado, eles pegaram a maior quantidade de espigas que puderam e se foram; um ladrão, mais audacioso que seus cúmplices, escolheu a espiga mais linda, e veio roê-la sob minha janela. Esse

grupo ficou durante diversos dias nos arredores da minha habitação. Uma manhã Maximiliano veio à minha casa e antes que eu tivesse tempo de pedir por esses pobres macacos, ele matou dois; todos então desapareceram para nunca mais voltar.

Essa aventura me lembra uma outra que data de minha estada no nosso rancho.

Léon tinha partido a cavalo para buscar provisões. Sua ausência seria de três dias. Uma jovem alemã, chegada com seus pais pouco antes de nós à colônia, dormia na minha casa. Durante a noite ela me acordou: de pé em frente à minha cama, ela tremia e quase chorava.

- Escute, disse-me ela baixinho, há alguém andando na água do riacho.

Eu já disse que o rancho era vizinho a um riacho que rolava suas águas sobre pedregulhos.

Ouvia-se efetivamente a batida de um passo pesado que atravessava a água. Esses passos não eram passos humanos e nós devíamos realmente temer a visita de um animal de grande porte. A porta do rancho feita de galhos entrelaçados, de apenas três pés de altura, não poderia nos defender de nenhuma invasão, assim é que eu logo aderi ao pavor de minha companheira; mas depois, alarmada do estado em que eu via essa pobre moça, senti que eu precisava ter coragem por duas, qualquer que fosse o perigo; saltei da cama, peguei num fuzil pelo cano para me defender com a coronha, pois eu não sabia atirar. Para dar coragem a mim mesma, eu falava em alta voz.

- Antje, disse, entreguemo-nos à guarda de Deus; deixa que venha, selvagem ou tigre, não importa.

De repente um vulto pesado atravessou a porta com um latido de alegria. Era Tigre, o spaniel que nos havia recebido à nossa chegada à colônia; sem sentir eu havia pronunciado seu nome e ele respondia à minha chamada. Inútil dizer a felicidade de nossa surpresa; cobrimos o animal de carinhos e eu lhe ofereci a carne cozida que estava reservada para nosso almoço. Ele aceitou, porém sem grande prazer.

Finda sua refeição ele foi farejar todos os cantos procurando seu amigo Léon. Não o encontrando, ele tornou-se insensível a todas nossas seduções, tomou fôlego, pulou por cima da porta, atravessou a água nos deixando penalizadas pela sua partida, pois Tigre seria um famoso auxiliar quando nos encontrássemos na necessidade de nos defender.

Se a caça emigrava da colônia, em compensação as cobras formigavam lá durante o verão, isto é, do mês de setembro ao mês de maio. Eu acabei por me tornar calejada nesse sentido; freqüentemente uma cobra entrava na cabana: quando meus filhos lá estavam eles a matavam; quando eu estava só, eu evitava de pisá-la e ela se ia do mesmo modo que chegara.

Um dia, porém, eu comecei a me inquietar com a sua vizinhança por serem elas muito numerosas. Era uma manhã linda dessas que me faziam sempre sair de casa. Eu passeava à margem d'água, quando notei do outro lado uma bela flor vermelha; atravessei o riacho sobre a árvore que me servia de ponte, e afastei

as longas gramíneas para achar o caule da flor. Junto desse caule estava uma grande cobra preta; no começo ela me olhou sem se mexer, depois levantou a cabeça e seu olhar se animou. Eu deixei as gramíneas se alçarem de novo e fugi para a minha cabana.

Ainda sob a impressão do meu susto, eu ouvi batidas de vara dadas por um colono que atravessava a árvore-ponte. Eu lhe gritei que caso ele estivesse se defendendo de uma cobra, que não a matasse. Já o fiz, disse ele se aproximando com o réptil pendurado à vara com a qual ele lhe havia quebrado os rins. Não era a cobra negra que me poupava e com a qual eu não queria ficar em dívida de generosidade, o indivíduo morto era cinza e amarelo.

Enquanto eu conversava com o colono junto à minha porta, seu terrível bastão levantou-se ainda uma vez e de uma primeira pancada ele atordoou uma outra cobra que entrava por minha janela aberta. A pancada caíra sobre sua cabeça: a cobra caiu aprontou-se para fugir, quando a arma do colono lhe bateu nas costas e a matou. Era igual em cor àquela que jazia um pouco mais adiante.

Três cobras em menos de uma hora, era um fato pouco animador para uma mulher que habitava uma cabana que lhes permitia a entrada por todos os lados; assim é que antes de me deitar, visitei minuciosamente minha habitação e, não achando nada de insólito, convenci-me que o casal morto era provavelmente jovem sem herdeiros, e que a largura do riacho me separaria da cobra negra. Tratei de pensar o menos possível nelas, e me deitei.

Por hábito eu leio na cama até tarde. A noite estava bem avançada quando apaguei minha lâmpada. - Horror! puxando para mim as cobertas, minha mão direita sentiu um contato frio e pegajoso, e não tive dúvidas que o frio da noite havia feito arrastar-se ao meu leito uma cobra à procura de calor.

Atirei as cobertas aos pés e com o reverso da minha mão eu joguei com força o meu hóspede por terra. Eu o ouvi cair, mas não o vi. Eu não ousava sair da cama para acender a lâmpada, e até o dia seguinte fui presa de terríveis angústias. Essa noite foi uma das mais tristes que passei na mata.

Durante cada uma dessas noites de susto, eu formava o projeto de ir morar, ou perto dos escritórios da Sociedade, ou junto da senhora Maximiliano que se propunha a mandar construir uma cabana para mim. Mas com a chegada da aurora eu esquecia meus temores, sentia-me tão feliz com a minha independência no seio dessa admirável natureza, que eu não chegava a me decidir a renunciar a tudo isso.

Eu pensava no constrangimento incessante a que somos condenados na vida em comum com pessoas estranhas - a necessidade de se conformar com seus hábitos, de conversar com elas por gentileza sobre coisas fúteis, quando muitas vezes preferiria ficar calada - eu olhava minha bela família de galinhas que outros não cuidariam tão bem quanto eu; pensava em Fritz, meu lindo cachorro negro, criado por mim, e que mais tarde me foi roubado; e além disso estava presa à plantação que eu visitava todas as manhãs.

Eu então dizia a mim mesma que quando chegasse a minha hora, Deus me encontraria em qualquer lugar e que até lá Sua proteção não me faltaria. O dia passava desta maneira e de novo à chegada da noite nenhum raciocínio conseguia vencer o meu temor.

VI

Além das cobras nós tínhamos um inimigo igualmente medonho, era uma enorme aranha. Um corpo grande como um punho de homem, grossas patas do tamanho de dedos cobertas de longos pelos negros, sua mordida é muito perigosa. Ela se defende quando atacada mordendo a faca ou o bastão que a tocou. Quando eu me achava só diante de um desses horríveis animais, eu me esforçava por primeiro lhe quebrar uma pata, depois com a ajuda de um bastão eu o empurrava até ao fogo; o corpo desse monstro calcinado ainda me fazia medo.

Mas tigres, cobras e aranhas são flagelos mínimos diante de um pequeno verme negro do tamanho de um quarto de polegar. Os autóctones chamam-no de "bicho do pé". Esta espécie de pulga é a praga do desmatamento. O animal se introduz sob a epiderme dos pés e aí forma em pouco tempo uma bolsa do tamanho de uma ervilha cheia de ovos. A primeira extração dessa vesícula, feita com a ponta de uma faca, não é nada dolorosa, mas imediatamente outros indivíduos se instalam na abertura deixada por essa primeira extração; essa segunda introdução do animal provoca a inchação do pé e da perna até o joelho e comumente uma forte erisipela acompanhada de febre e de dores atrozes, sobretudo se os bichinhos se meteram sob as unhas dos pés. Eu vi retirarem desse lugar mais de vinte em um dia; vi homens fortes e vigorosos completamente aniquilados por essa causa em aparência de importância mínima; vi alguns que, por não terem permitido que se lhes extraíssem os bichos, perderam, por terem supurado, dedos do pé. Felizmente é só no primeiro ano que o bicho do pé é terrível. Mais tarde ele não incomoda mais, talvez porque as pessoas então se defendem melhor.

Com efeito, como garantia, é aconselhável não calçar os pés nus a não ser em tamancos e os banhar freqüentemente nas águas correntes que se encontram a cada passo, e que na estação dos bichos são permanentemente mornas. Então, se qualquer raro espécime chega a se instalar no pé, enchendo a abertura deixada pela extração com um grão qualquer, pode a pessoa se livrar do aborrecimento de a ver invadida por outros hóspedes; regar freqüentemente o solo da habitação afasta também os bichos.

Muitas vezes eu ouvi emitirem a opinião de ser impossível domesticar um tigre; experimentei fazê-lo e obtive um resultado perfeito. Léon, um dia, atirou num tigre-fêmea que estava acompanhado de dois filhotes: ele errou o tiro e a fera se enterrou na mata sem perceber, sem dúvida, que só um dos seus filhotes a acompanhava. O outro, assustado pelo ruído da arma, ficou tremendo na picada. Meu filho atirou-lhe seu lenço sobre a cabeça e carregou-o apesar dos seus arranhões e da mordida de seus dois primeiros dentes.

- Tome cuidado, dizia-me Léon ao trazê-lo, ele arranha e bate como um gato.

Eu enfrentei a cólera do pequeno prisioneiro, carreguei-o sobre meus joelhos, acariciei-o e consegui que ficasse deitado. No começo ele recusou qualquer alimento; decidi abrir à força sua pequena goela e aí introduzir carne fresca de macaco, picada em bocados bem pequenos. Depois de engolir os primeiros pedaços, meu tigre tomou gosto e se regalou copiosamente. Para suprir o leite da mãe, pois o pobre pequeno não deveria ainda ser desmamado, eu diluí

uma gema de ovo num pouco de água morna açucarada. Ele bebeu sem se fazer de rogado e desde af meu pensionista cresceu, passava muito bem e acabou por esquecer sua natureza selvagem; ele atendia à minha primeira chamada, saltava sobre meus joelhos, fazia-me mil carinhos e me seguia como um cão. O difficil era obter carne fresca quando meus filhos não estavam. No começo um macaco chegava para mais de um dia, mas o apetite crescia de acordo com seu tamanho; logo ele devorava em quarenta e oito horas um grande macaco ruço e quase todo o produto das caçadas da família Maximiliano era consumido por meu tigre.

Eu estava verdadeiramente orgulhosa do meu pupilo, ele era encantador, sua manta ruça semeada de rosáceas negras era magnífica, dir-se-ia um bellissimo veludo; sua cauda anelada varria o solo, seu olhar não tinha nada de selvagem, suas orelhas eram pequenas, redondas na parte superior, pretas, com uma pequena estrela branca. Seus movimentos sutis e graciosos, suas atitudes brejeiras e carinhosas o tornavam querido de todos que o viam, e eu apeguei-me muito a ele.

Um empregado da Sociedade demonstrou a Léon o desejo de presentear-lo à esposa de um amigo. Eu tenho a fraqueza de não saber negar nada a meus filhos e me privei do meu belo tigre.

A senhora a quem o presentearam era avara, achou que custava muito caro alimentar o pobre animal, e o deixou morrer de fome. No entanto, nessa época podia-se obter carne fresca em Porto Alegre, onde ela morava, a quinze cêntimos a libra.

Os colonos chegavam em massa; a colônia os alimentava durante os seis primeiros meses, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para a roça e a cultura; aos mais pobres ela fornecia até sacos, que cheios com palha de milho, serviam de cama e de cobertas; além disso recebiam as vasilhas necessárias para os serviços de casa. Esses adiantamentos eram reembolsáveis ao fim de dois anos, acrescido de um juro de doze por cento. Pelos cinqüenta hectares de terra que representavam uma colônia deveriam ser pagos, no quinto ano, mil e quinhentos francos acrescidos do juro de seis por cento. As colônias do governo, que mediam setenta hectares, eram vendidas apenas por novecentos francos; e além disso eu creio que não tenha havido um só caso em que o pagamento tivesse sido exigido.

Insensivelmente todos os solteiros iam tentar fazer fortuna em outras partes; ficavam só as famílias que, por serem carregadas de filhos, não tinham possibilidade de deixar a colônia.

É possível que num futuro longínquo se consiga abrir estradas que ponham a colônia Santa Maria da Solidão em comunicação fácil com centros de população. Então a vida dos colonos será próspera e suas colheitas lhes darão o bem estar. Até lá, apesar da grande fertilidade do solo, os trabalhadores, obrigados a entregar os produtos a um preço vil, continuarão miseráveis. Eu não acuso a Sociedade de ser a causa dos obstáculos que se opõem à prosperidade da colônia; os três acionistas sócios lá collocaram os seus fundos em confiança, eles não conheciam nem as terras concedidas nem sua localização; foi o Conde de Monttravel quem obteve a concessão e fez com que se interessassem no negócio três investidores, que, apesar dos subsídios que lhes concedia o Estado af tiveram perdas certamente consideráveis.

Eu pergunto a mim mesma porque não começar as roçadas do mato às margens das grandes correntes navegáveis que se dirigem ao mar, e daí avançar em direção ao interior, em vez de transportar esses infelizes além dessas montanhas inacessíveis, onde apesar de duras labutas eles permanecem pobres, e onde são obrigados a destruir tanta madeira preciosa que em outra região representaria um início de fortuna.

A propósito de madeira, eu me recordo como me pareceu admirável a obra da Providência numa descoberta que fizeram os colonos.

Existe na mata uma árvore soberba, suas folhas têm a configuração e o brilho das da cameleira; é uma espécie de mancenilheira, chamada "mataol" no Brasil. Um corte feito na sua casca faz correr um suco leitoso que, se atinge a pele, aí produz uma queimadura e uma inchação dolorosa, e se tocar os olhos produz estrabismo ou cegueira, de maneira que para abater essa árvore sem perigo deve-se começar por sangrá-la ou descascá-la toda; um alemão, por não ter tomado essa precaução, perdeu um olho.

Mas sempre ao lado da árvore venenosa se acha uma outra cujo aspecto exterior se lhe assemelha muito; também possui um suco leitoso que escorre pelo menor corte feito na sua casca; esse suco, aplicado sobre a parte inflamada e dolorida pelo contato do leite do mataol, tira imediatamente a inchação e a dor. Vi fazerem essa experiência e mais uma vez eu me inclinei com amor e respeito diante dos segredos dessa benfazeja natureza, que a cada passo, a cada instante, revela a existência e a bondade de seu Criador.

Estão de fato enganados os que imaginam que a colonização no Brasil só oferece vantagens mínimas.

Uma colônia belga, por exemplo, dirigida por belgas, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde o clima é ameno e saudável, situada na vizinhança de um rio, seria um elemento considerável de prosperidade para os colonos e conseqüentemente no futuro um mercado vantajoso para os produtos industriais da Bélgica.

Apesar de pouco exigir, o colono goza no Brasil de uma proteção eficaz e real por parte do Governo, é isento durante longos anos de todo encargo, de toda imposição, é livre na mais extensa concepção da palavra, colhendo bastante de um trabalho pouco penoso. Eu desconheço outro país que ofereça as vantagens e as perspectivas de bem estar que se encontram no Brasil.

É desagradável que o Governo confie a administração de todas suas colônias a alemães, militares licenciados de tropas estrangeiras, empregados pelo Brasil há oito anos mais ou menos, se não me engano.

Esses diretores têm como norma: enriquecer a todo o preço e o mais depressa possível. Assim qualquer lucro lhes parece bem e não consideram ilícito nada que lhes encha o bolso. Não se preocupam absolutamente com a prosperidade e os interesses dos colonos que são pressionados por eles impunemente tanto quanto possível; os diretores são controlados simplesmente por um inspetor que não inspeciona nada.

Exemplo:

Há quatro ou cinco anos o senhor Ferraz, então Presidente da Província de São Pedro, residindo em Porto Alegre, que é a capital da dita

província, quis, com a aprovação do governo brasileiro, fundar uma cidade nova, que deveria se chamar Nova Petrópolis. Um grande território, não distante do Jacuí, foi designado para a realização desse projeto. Aí, deram a cada família de emigrante setenta hectares de mata virgem mediante o pagamento de novecentos francos, e além disso um terreno para construir no local onde se desejava fundar a cidade.

Um ex-padre espanhol foi colocado como diretor à testa da empresa. Em menos de um ano o diretor havia gasto duzentos e quarenta mil francos dos cofres da província e do país.

Não obstante esse fato, o governo foi assediado por reclamações de fornecedores, que tendo fornecido ao diretor ferramentas e víveres para os colonos, não podiam obter o pagamento de sua mercadoria.

Naturalmente o ex-padre foi obrigado a justificar o emprego das somas que ele tinha recebido. Respondeu com uma brilhante descrição de obras executadas, de ruas bem delineadas, até de uma igreja que estava prestes a ser terminada.

Nada disso era verdade; uma casa de madeira, onde moravam os operários e onde se guardavam as ferramentas, e a tenda do Diretor eram as únicas construções da colônia. Os colonos, quase todos franceses, haviam-na abandonado, porque não recebendo eles o alimento ao qual tinham direito durante os primeiros meses, achavam-se em perigo de morrer de fome.

O Governo veio a saber da falsidade da declaração do diretor de Nova Petrópolis, e mandou uma ordem ao inspetor geral das colônias para que se dirigisse aos postos a fim de verificar o estado das coisas. Esse inspetor era um antigo jornalista, homem de muito espírito, mas de uma preguiça sem par, de maneira que, antes de chegar a meio caminho de Nova Petrópolis, tendo a estrada lhe parecido execrável, a hospitalidade recebida em alguma cabana isolada mais cordial que confortável, e como homem que adora suas comodidades, virou as rédeas e voltou a Porto Alegre.

Entretanto ele comunicou ao Governo que as declarações do diretor eram exatas em todos os pontos.

Pouco tempo depois a verdade tornou-se conhecida. O diretor foi chamado para prestar contas de sua conduta. Verificou-se que os oitenta contos (duzentos e quarenta mil francos) tinham sido gastos quase que inteiramente para seu uso particular. Meteram-no na prisão, à espera que corresse seu processo: a negligência do inspetor não foi nem punida nem criticada.

Léon ficou durante oito meses interinamente nas funções desse diretor; ele deixou-as a fim de se preparar para seu exame de agrimensor; conquistado seu diploma ele foi empregado nessa qualidade pelo Governo Brasileiro.

Minha ignorância, que é completa no que diz respeito à política dos países, me impede de saber ao justo o que um governo pode ou não autorizar; que esta confissão faça excusar minha audácia de emitir uma idéia talvez irrealizável.

Na fronteira extrema do Brasil com as Repúblicas do Prata existiu antigamente uma colônia florescente fundada por membros da Sociedade de Jesus. A região conserva o nome de Terra das Missões. Quando os jesuítas foram

expulsos do Brasil, diversos colonos deixaram a colônia, e o pequeno número que lá ficou foi dispersado por bandos de índios e por gente sem eira nem beira, que surgia do outro lado da fronteira, onde quase em cada mês havia uma nova revolução.

Diversas vezes experimentou-se repovoar essas terras, mas sempre, apenas formadas as colônias, em número muito pequeno para poderem se proteger a si mesmas, foram elas devastadas pelos selvagens ou pelos vagabundos da civilização.

No entanto, as terras que o Brasil quer dar são admiravelmente situadas, na proximidade de grandes rios, são perfeitamente desmatadas, muito férteis, e o clima é lá de uma salubridade proverbial.

Em poucos anos se formaria aí uma rica colônia, caso ela pudesse ser protegida contra os saqueadores e os mal-intencionados de toda espécie.

O Governo Brasileiro está impossibilitado de garantir essa indispensável proteção. O exército do Brasil conta com apenas dez mil homens, que são por ele recrutados a custa de grandes esforços e de medidas extremas. O governo não teria possibilidade de dispensar o número necessário de soldados para enviar a mil léguas da Capital garantir a exploração de terras, que durante alguns anos dariam um fraco rendimento ao Estado. Então, se se concedessem as terras das Missões para aí ser feita uma colônia belga, seria lógico, parece-me, que se permitisse ao mesmo tempo à Bélgica de manter nesses sítios um regimento belga para proteger a segurança de seus compatriotas. O soldo desse regimento seria pago inteiro no início pelo governo belga, mais tarde em parte pelos colonos e depois, para estimular o zelo do soldado, nada impediria que se desse a cada um deles um pequeno pedaço de terra para ocupar suas horas de lazer e também com esse meio fazê-los sonhar menos com a pátria distante.

Garantem-me que o Governo Brasileiro não consentiria na presença de um regimento belga no seu território. Parece-me que os brasileiros, que tudo decidem com lentidão, teriam, após reflexão, uma opinião contrária.

O Sul, distante demais do centro do governo, se constituirá mais cedo ou mais tarde em pequenos estados que se declararão independentes. Já pouco faltou para que a província de S. Pedro tivesse êxito na sua tentativa de separação do resto do Império.

Ora, aí os soldados belgas, conhecidos por sua lealdade, por sua fidelidade e dedicação ao soberano, representariam não uma ameaça, mas uma garantia para conservar a colônia dependente da Coroa do Brasil, e também guardariam a fronteira do Sul contra qualquer invasão.

Além disso, desde que o Brasil já tomou tropas prussianas a seu soldo, não poderia ele fazer o mesmo com um regimento belga, contanto que nossas instituições e permitissem?

Mas, ah!, caso a questão deva ser resolvida por via diplomática, a geração atual não chegará a conhecer o resultado.

Não se pode fazer uma idéia das lentidões do Governo Brasileiro; às vezes passam-se anos antes que ele resolva tomar a mais insignificante das decisões.

Que os partidários do regime constitucional me perdoem, se eu não posso deixar de ver nele a causa única do pouco de caminho que percorre o Brasil

em diversos ramos do progresso social. Para esse estado jovem, um governo representativo me dá a impressão de uma mão de anão calçada com uma luva de gigante.

Graças à marcha claudicante dos trabalhos do corpo legislativo, os abusos das administrações não são quase nunca castigados e as lentidões judiciárias equivalem freqüentemente à denegação da justiça.

Somente um príncipe com vontade firme, conhecendo bem as necessidades de seu país e as aptidões de seu povo, poderia, dispondo de um poder sem controle, lançar o Brasil em poucos anos numa via adiantada de bem estar e progresso. Hoje o Império do Brasil acha-se na triste perspectiva de permanecer durante bastante tempo ainda tributário da indústria européia, mesmo para artigos de primeira necessidade.

Estou convencida de que Dom Pedro II, o imperador atual, como monarca absoluto, faria a grandeza intelectual, artística e comercial de seu império. Ele reúne em si as qualidades do soberano paternal, do sábio legislador, do homem de coração, de tacto, de energia e de inteligência. Infelizmente, ele tem as mãos atadas pela constituição, e os altos funcionários não se interessam em estabelecer uma nova ordem de coisas em que se pusesse fim aos gastos e desperdícios crônicos.

No povo, uma desconfiança cheia de ciúmes de tudo que não é brasileiro torna durante muito tempo infrutíferos os conselhos mais judiciosos, a melhor boa vontade e a mais leal colaboração dos estrangeiros.

Se a Rússia e a América do Norte tivessem agido da mesma maneira, onde estariam hoje a sua prosperidade e a posição que elas mantêm na civilização?

Mas deve-se tudo dizer: com exceção dos membros das diversas legações, os estrangeiros que se lançaram sobre a Capital do Brasil - o maior número dentre eles fugindo à ação da justiça de seus países e impelidos unicamente por seus maus instintos - não eram absolutamente os que deviam ser designados para conquistar a estima dos brasileiros. A maior parte fez fortuna em poucos anos, Deus sabe, às vezes, de que maneira. Essa gente aventureira vinda de toda a parte só recua diante daquilo que oferece perigo de confrontá-la com a justiça brasileira, justiça essa benigna em excesso, e por isso mesmo capaz de ser facilmente despistada.

VII

Meus filhos, desgostosos com a exploração de terras da qual o resultado era nulo por falta de colocação fácil de seus produtos, resolveram abandonar definitivamente a colônia. Eu cedi nosso terreno desmatado, a cabana e suas dependências ao lojista da Sociedade que acabara de ser casar.

À espera de minha partida para Porto Alegre, a família Nunes me ofereceu uma hospitalidade que eu aceitei com prazer. Essa boa gente, como sempre, me tratou com uma consideração e distinções que não são sempre encontradas em pessoas da sociedade.

Um dia perguntei-lhes o motivo da deferência que eles me demonstravam. Era durante o jantar: diversas esposas de colonos comiam lá em gamelas que elas seguravam sobre os joelhos; para mim tinham improvisado uma mesa, cobriram-na de um pano branco e af me serviam num prato que era trocado para cada comida. Eu observei ao filho da senhora Nunes que a maneira com que eu era servida devia magoar os outros convivas.

- Elas não são mais que simples mulheres, respondeu-me.

- E eu, o que sou então?

- A Senhora, mas a Senhora é uma dama, não existe outra em toda a floresta.

- O que faz você pensar isso?

- As maneiras da Senhora, as maneiras de seus filhos, uma porção de coisas que eu não saberia explicar. Foi Miguel quem viu a Senhora em primeiro lugar no dia em que ele foi à procura de um cavalo perdido, ele disse à minha mãe o que ele achava de todos vós; minha mãe então vos foi visitar. Sem permissão da Senhora ela trouxe para casa sua roupa usada, lavou-a aqui e prometeu a si mesma de nunca deixá-la na necessidade de fazer um serviço que, na opinião dela, a Senhora não estivesse habituada a fazer.

Essa excelente mulher cumpriu sua palavra. Apesar de grande a distância, ela vinha periodicamente à minha casa para me poupar de todo o trabalho pesado e me fazer mil serviços.

Ela vinha ordinariamente armada, o fuzil sobre o ombro e a faca de caça ao lado. Uma vez ela veio sem armas porque, dizia nunca lhe tinha aparecido ocasião de utilizá-las.

Dois dias após ela me contou que na ante-véspera, voltando de minha casa, ela encontrou-se numa estreita picada frente a frente com um leão, mas o animal retirou-se cortesmente, deixando-lhe livre a passagem.

O leão da América não possui juba, ele se assemelha à fêmea do leão da África. Não ataca o homem, diz-se mesmo que sua coragem é meio duvidosa; eu tive a sorte de, passeando na floresta, ver um no meu caminho. Eu tinha comigo, como única companhia e como única defesa, Fritz, meu cachorro negro; eu avançava olhando o solo, precaução indispensável na mata para não ficar estendida contra a vontade no chão. Fritz colocou-se diante de mim e, com pequenos latidos secos dirigidos em direção da nossa direita queria evidentemente chamar a minha atenção; segui a direção do seu olhar e vi um leão não longe de uma árvore onde cabriolava um macaco. Certamente tive medo, parei de repente, e creio mesmo que eu tremia visivelmente. O cachorro estava entre o leão e mim; o fiel animal nos olhava alternadamente e seu olhar inteligente me pedia uma ordem; eu não sabia o que fazer, estava aterrorizada. O leão enfim nos olhou com um ar cândido e seguiu lentamente na direção de um bosque onde desapareceu. Eu me aborreci com meu pavor que poderia ter-me posto num perigo real, pois se o leão fosse mau, eu não teria tido a presença de espírito de me fazer defender por meu cão, nem que fosse só para ganhar tempo de fugir enquanto os dois animais estivessem em luta. Eu não tive uma idéia sensata nesse momento de angústia e medo mortal.

Depois de um mês de espera, o diretor da Sociedade pôs à minha disposição dois guias e quatro mulas para me conduzirem até o Jacuí, de onde um barco a vapor partia cada semana para Porto Alegre.

Fizemos uma parada na terra da Harmonia, de onde o proprietário tinha expulsado a administração da Sociedade Montravel. A casa estava em ruínas, o quarto que eu tinha ocupado era o único cujas paredes ainda estavam de pé; o negro que guardava a propriedade morava lá.

O preto veio nos trazer laranjas e mandioca como complemento das humildes provisões que compunham nosso jantar. Eu me sentei entre os escombros que faziam a solidão parecer mais severa e a terra menos nova.

Ruínas são coisas raras no Brasil, e essas foram as únicas que eu aví. Olhando para elas eu comparei involuntariamente essas obras do homem que duram tão pouco com as vastas matas que eu acabava de atravessar, que o tempo torna mais belas e majestosas, enquanto ele mesmo destrói tudo o que o homem se esforça em tornar imperecível.

Nossa refeição finda e nossos animais um pouco repousados, retomamos o caminho através da mata até uma bonita habitação, onde chegamos à caída da noite. Essa casa era de uma família espanhola. Duas encantadoras moças, as mais velhas da família, tinham lá um pensionato para meninas. Apesar de completamente isolada e num quase deserto, sua instituição era muito freqüentada, as professoras possuíam uma boa instrução e ensinavam maravilhosamente. As alunas se sentiam lá em família, todas eram alegres, todas pareciam felizes.

Foi com prazer que eu aceitei por uma noite a hospitalidade da família Pedroso. Com um tacto perfeito, tornaram-me o serão tão agradável que eu esqueci o meu cansaço e fui me deitar muito tarde. No dia seguinte, não houve insistência que não tivesse sido feita para que eu lá passasse alguns dias, mas um ex-diretor da Sociedade, hoje grande negociante, prevenido da minha chegada, vinha me buscar de barco a vapor e seria pouco polido de minha parte deixá-lo fazer uma jornada inútil.

Deixei então a família Pedroso, prometendo-nos mutuamente de nos rever. São os acontecimentos porém que dispõem de nós. Eu não revi mais esses amigos de um dia, e no entanto sua lembrança é das mais agradáveis que me restam do Brasil.

O mais velho dos meus dois guias, mulato ao serviço da Sociedade, esforçava-se por atenuar os aborrecimentos de um trajeto longo e pouco fácil com histórias locais, mas no entanto cheias de interesse e atualidade. Não longe da Harmonia ele mostrou-me os vestígios de uma cabana na qual sua mãe havia sido morta pelos bugres depois de terem pilhado a pequena morada e levado consigo as duas jovens irmãs do meu guia. Ele, então criança de dez anos, tinha fugido para a mata e aí vivera durante três dias de algumas frutas selvagens. Quando voltou à cabana materna, sentiu-se só no mundo; nunca soube da sina das suas duas irmãzinhas.

Não se conhece a residência dos bugres, supõe-se que eles habitem o Norte do Brasil. Andando inteiramente nus, eles não poderiam suportar o frio dos invernos nas regiões do Sul, onde nunca foram vistos a não ser no verão.

Que coisa estranha é o coração humano! Eu esperara com impaciência o momento de deixar a mata e agora que a havia deixado apenas há vinte e quatro horas, já sentia falta dela! Perguntava-me como conseguiria me afastar de coisas tão majestosamente belas.

As florestas da Europa - rasgadas de caminhos retos e cômodos e de avenidas aristocráticas, onde as árvores podadas fazem o efeito de uma paisagem pintada - são tão pequenas, tão mesquinhas, comparadas a essa natureza tal qual ela saiu das mãos do Criador, que mesmo hoje, quando três mil léguas me separam dela, eu sinto uma vontade de atravessar o Oceano.

Mas, o fato é que as matas virgens nos atraem primeiro e nos prendem depois, da mesma maneira que a ausência faz esquecer os defeitos dum objeto amado para não nos deixar mais que a lembrança das qualidades que no-lo tornavam querido; assim acontece com as matas do Brasil, os que lá habitaram gostariam de revê-las, mesmo ao preço de algum perigo e diversas privações. O seu pensamento volta-se sempre para essas matas, onde grandes árvores parecem formar uma única família, unida pelos cipós, cujas graciosas guirlandas no tempo do seu florescimento dão à mata um ar de festa contínuo. Acontece também que às vezes eles fazem desesperar o desmatador, que freqüentemente é obrigado, por causa deles, a abater uma dúzia de árvores, quando lhe interessava uma única, mas cuja copa estava ligada às de outras pelos cipós.

Em Porto Alegre, o senhor Delarue teve a bondade de me oferecer uma hospedagem que provisoriamente eu aceitei. O senhor Delarue, homem amável e geralmente estimado por todos, possui um tesouro cuja existência é posta em dúvida por quase todos que não são amantes dos exageros. Essa coisa rara é simplesmente uma esposa perfeita em todos os sentidos. A senhora Delarue, indiscutivelmente bela, jovem, instruída, cheia de tacto, de gosto e de coração, é ao mesmo tempo uma esposa encantadora e uma perfeita dona de casa. Nada, na sua casa escapa à sua constante vigilância, tudo af se faz sob suas ordens, ela se ocupa dos menores detalhes, mas com tanta compreensão, com tanta delicadeza que seus empregados a adoram.

Levantando-se ao nascer do sol, seu marido a encontra à mesa do café (às sete horas), em elegante roupão de musselina, rodeada de seus três lindos filhos tão bem cuidados quanto ela mesma. Mesmo fiscalizando a copa e a cozinha, ela está sempre vestida com uma roupa adaptada convenientemente à hora do dia. Nunca um visitante poderá surpreendê-la com uma dessas vestimentas desleixadas ou pouco limpas por causa das quais as visitas tornam-se incômodas ao ponto de não se saber sempre como dissimular a contrariedade que elas causam. Nunca se via uma desordem, nunca um móvel estragado na ampla casa da senhora Delarue. Todos que conheciam essa senhora gostavam dela e, coisa rara, seu marido a tinha em alta consideração. O senhor Delarue era alemão, sua esposa era nascida no Brasil de colonos igualmente alemães. O exemplo desse casal devia despertar o interesse para o casamento nos mais egoístas, nos mais frios celibatários de ambos os sexos.

Depois de ter deixado a senhora Delarue, eu passei algumas semanas junto à família de um doutor alemão, à qual eu prometera fazer uma visita desde a minha chegada ao Brasil. O doutor Einzelmann era o médico da moda em Porto Alegre; tinha se casado com uma brasileira muito bonita, a quem ele literalmente adorava. Seu amor violento havia resistido a seis anos de matrimônio, parecia mesmo que até aumentara. A senhora Einzelmann tinha apenas vinte e três anos, gostava da vida de sociedade onde ela era muito admirada; seu marido, apesar de ser fraco de saúde e das fadigas causadas pela sua profissão, acompanhava-a

sempre sem objeção, mesmo aos bailes, onde certamente ele dançava somente para ser agradável à sua esposa.

Eu não sei se a senhora Einzelmann partilhava toda a sua paixão, ela era pouco demonstrativa. De resto, se ela não era louca por seu marido, tinha por ele uma afeição sincera e profunda, sua conduta como esposa era exemplar e não dava azo à uma sombra de maledicência.

Ela recebia pouca gente, nunca homens, a não ser os que vinham acompanhando as esposas. Eu acho que agindo dessa maneira ela queria poupar a suscetibilidade do doutor, que no entanto vivendo inteiramente por sua esposa e para ela, não se mostrava nunca ciumento.

Difícilmente se poderia fazer uma idéia do imenso carinho que o senhor Einzelmann tinha por ela. Nenhuma coisa lhe parecia cara demais, desde que pudesse embelezar ou tornar confortável o apartamento que ocupava o seu ídolo. O quarto de dormir do casal era suntuoso, de todos os lados grandes espelhos reproduziam ao infinito a imagem dessa mulher bem amada. O leito, uma obra prima de um entalhador, era ricamente gracioso no seu conjunto de cambraias, setins e rendas. Esse quarto era um ninho encantador de bom gosto e elegância.

Os criados da casa, dirigida em alto nível, eram escravos que pareciam fazer parte da família. O doutor e sua esposa os tratavam com uma bondade raramente encontrada mesmo em patrões servidos por brancos livres. Sua bondade era tão conhecida, que não se passava um dia sem que um escravo que deveria ser vendido não viesse lhes suplicar que o comprassem. Frequentemente eles cediam a um sentimento de piedade por um negro que eles acreditavam ser infeliz. Assim é que um dia uma padeira, cliente do doutor, queria vender uma negra, boa cozinheira, mas de uma insolência incorrigível. A escrava ficaria contente de trocar de patrão se não fossem seus dois filhos, a quem a padeira queria conservar consigo. A negra sofria tanto mais dessa próxima separação porquanto ela conhecia a pouca indulgência de sua patroa em relação aos jovens escravos. Ela falou de seu desgosto ao doutor, o qual consultou sua esposa que, boa e compreensiva, aconselhou-o a comprar os três escravos, caso os quisessem vender. A padeira não quis ceder a não ser a mãe e sua filhinha de dois anos, que foram compradas pelos esposos Einzelmann. Essa escrava não tinha a submissão dos outros negros, mas ela era fiel e dedicada a seus patrões. Quando conheci a filhinha ela tinha uns cinco anos, tinha cor de café queimado e, fora a sua cabeleira lanuda, não tinha nenhum traço característico da raça negra. Essa negrinha era, por assim dizer, criada junto aos filhos da casa. A senhora Einzelmann tinha prazer em dar-lhe vestidos claros para os dias de festa. Diversas vezes ela se tinha negado a vender sua pequena moura, mesmo a preço bem acima do seu real valor.

VIII

Eu ainda era hóspede da família Einzelmann, quando vim a conhecer o senhor Barão d'Ornano, vice cônsul da França em Porto Alegre. Dessa época datam todas as oportunidades felizes que meus filhos e eu encontramos no Brasil.

A Bélgica não possui cônsul em Porto Alegre. Desde que o Barão d'Ornano lá residia, há seis anos, ele era providência tutelar dos belgas que lá se achavam. Ele ajudava de seu bolso, com seus conselhos e sua influência; sua bondade delicada sem par não era igualada senão pelo seu mais nobre desinteresse.

Sua proteção facilitou regularizar as posições de meus filhos, a quem ele ajudou a se inscreverem para a prestação dos exames desejados de agrimensor. Enquanto isso ele conseguiu que Léon, que desenha bastante bem, fosse contratado para fazer as plantas de diversas cidades do interior para a presidência de Porto Alegre.

O senhor d'Ornano morava há anos com sua irmã. Esta, cheia de saudades, voltou para a Córsega. O cônsul então ficou só, numa casa imensa, e insistiu comigo para eu aceitar uma hospedagem em sua casa enquanto esperava minha partida para a Europa.

Usufruí durante vários meses da hospitalidade do senhor d'Ornano. Nunca, durante todo esse tempo, ele abandonou as suas atitudes delicadas e bondosas. Um gênio tão equilibrado quanto o seu é coisa rara e eu poucas vezes encontrei igual. Ele me honrava com o respeito de um filho para com sua mãe; afável e cortês, estava sempre disposto a me acompanhar. Ele me apresentava a seus amigos com palavras tão elogiosas, que chegavam a me encabular. Enfim, o senhor d'Ornano representava o tipo perfeito desses gentis-homens da velha estirpe, nos quais a urbanidade e a cortesia são inerentes à própria natureza e que se recordam sem cessar que: Noblesse oblige.

Uma noite, apresentada pelo cônsul, eu tive a honra de ser recebida pelo Presidente, governador da Província de São Pedro. Era um homem afável, simples, posto que erudito, e de uma polidez perfeita. À estima que ele dedicava ao senhor d'Ornano é que meus filhos devem sua benfazeja proteção.

Eu estava em Porto Alegre durante a Semana Santa. As pessoas que assistiam às cerimônias do culto católico pareciam não ter consciência de sua ação. Na Quinta-feira Santa - enquanto na Europa, nas igrejas onde é apresentado o Santo Sepulcro, vêem-se os fiéis que o vêm visitar rezar recolhidamente na penumbra em que se deixa a igreja, vestidos modestamente e se identificando com os santos mistérios da Paixão - no Brasil as igrejas estão em festa nesse dia. A sua iluminação ofusca, as portas abertas de par em par deixam entrar os ruídos do tumulto da rua. As senhoras em roupas resplendentes chamam a atenção pelo decote do vestido que descobre os ombros. Os braços nus e a cabeça descoberta, parecem estar prontas para o baile. Elas sentam-se no chão apesar de estarem suntuosamente vestidas. Algumas se sentam sobre os degraus do altar, virando as costas ao Tabernáculo; aí elas conversam, riem, comem doces e certamente nenhuma pensa na solenidade do dia, a qual não chega a ser por elas compreendida. Para elas a igreja é, neste dia, um lugar de reunião onde se encontram os conhecidos, onde se mostra um vestido de seda novo e onde se combina como se rever nas procissões de Sexta-feira Santa e na da Ressurreição. Esta última é realizada na noite do Sábado para o Domingo de Páscoa. Ninguém se deita durante essa noite. A procissão sai à meia noite e entra às quatro horas da manhã; uma multidão imensa a acompanha. As janelas das casas por onde ela passa estão abertas e guarnecidas de espectadores. De todos os pontos da cidade soltam-se rojões e fogos de artifícios, é verdadeiramente a expressão da alegria que deve ser

sentida pela ressurreição do Salvador. Por que os dolorosos mistérios da morte do Redentor não são tão bem compreendidos no Brasil? Será que os brasileiros, com a simplicidade própria à infância, têm horror a emoções tristes?

No dia dois de Novembro, dia dos mortos, toda Porto Alegre fica de luto, não há família que não tenha um membro enterrado no cemitério. Todos o visitam nesse dia, levam flores, coroas, arbustos para enfeitar os túmulos.

Esse cemitério, distante uma légua da cidade, está admiravelmente situado sobre uma elevação que domina os arredores, e é muito bem cuidado. Fora de seus muros há uma espécie de monturo onde os negros são enterrados. Eles são depositados, sem caixão, na terra, simplesmente enrolados num pedaço de pano, e às vezes mesmo sem esse pobre acessório. Vêem-se, cá e lá, trapos que a terra não cobre inteiramente, são os lençóis dos cadáveres cuja fossa não foi cavada suficientemente profunda. Mesmo na morte, a igualdade ainda é negada pelo homem, só o signo da redenção parece a proclamar. Ao centro dessa cloaca impura está plantada a Cruz, como ela o é no elegante cemitério dos brancos; lá, mais do que em qualquer outra parte ela é o emblema da última esperança, à qual ela parece corresponder abrindo a todos seus braços tutelares.

No cemitério dos brancos vê-se um belo mausoleu de mármore, erigido por uma mãe em memória dum filho único morto em Paris, quando lá terminava seus estudos. A mãe atravessou o mar para ir buscar o corpo de seu filho. O monumento que atesta seu carinho e suas saudades faz a admiração dos visitantes desse sítio fúnebre. Uma magnífica madressilva o cobre parcialmente, e eu me permiti no dia trinta de março de mil oitocentos e sessenta de lá colher um pequeno ramo que eu conservo até hoje.

Em Porto Alegre se exerce um singular officio. Aí se vê frequentemente um homem, sem chapéu, os ombros envoltos por uma grande capa geralmente branca, com uma sacola na mão, ir de porta em porta pedir esmolas para juntar o necessário para cumprir o voto que ele diz ter feito de mandar dizer uma missa, seja em ação de graças por um favor celeste, seja por uma intenção qualquer. Quase sempre o indivíduo mente - sabe-se - está-se convencido que sua coleta não será destinada de nenhum modo a uma obra pia e não obstante todos lhe dão um óbolo sem o menor ar de duvidar de sua boa fé.

Graças à influência do senhor Barão d'Ornano e à sua bondade para conosco, o futuro dos meus filhos estava no ponto de ser garantido contra todas as eventualidades da emigração; o mais moço ia se casar com uma jovem alemã que eu esperava que me substituisse junto dele. O mais velho tinha a perspectiva de vir a ficar ocupado, durante meses, talvez durante dois anos, numa delimitação de terras virgens; minha presença não sendo então indispensável, nem para um nem para outro, eu me ocupei seriamente nas providências para minha partida, as quais o senhor d'Ornano ainda gentilmente procurou facilitar.

Eu tinha recebido tantas provas de simpatia em Porto Alegre, tantas provas cordiais de amizade de algumas famílias, que era do meu dever ir lhes apresentar minhas despedidas.

Essas despedidas me provaram mais uma vez que eu deixava verdadeiros amigos, desses corações dedicados cujo feitio já não se encontra na Europa.

Léon tinha conhecido em Nova Petrópolis um marselhês, que embaraços momentâneos em negócios o haviam trazido ao Brasil. O senhor R... tinha deixado em Marselha uma esposa encantadora e dois filhos. Sendo ele um gentil homem, o desmatamento dos setenta hectares de mata virgem que lhe foram cedidos era tarefa além de suas forças; ele abandonou sua exploração iniciada e veio associar-se em Porto Alegre a um antigo negociante de vinho francês que possuía um pequeno capital. Eles abriram um restaurante que ia muito bem e onde meus filhos se hospedavam na ocasião.

Foi ao senhor R... que eu fiz o meu primeiro adeus. Ele me encarregou de entregar uma carta à sua esposa, no caso em que eu passasse por Marselha. Muito comovido, fazia-me diversas recomendações relativas à sua família. O senhor R... era um bonito homem, fazia-se estimar por todo o mundo e poderia ter uns quarenta anos; por sua mentalidade não parecia ter mais que vinte, eu temo que nesse aspecto ele nunca envelheça. Mas afinal, será que a mocidade de coração representa sempre um mal?

O cozinheiro do restaurante era um liegense, corcunda, que se chamava Matthieu. Eu o conheci como cozinheiro da Sociedade quando vim pela primeira vez à Harmonia; mais tarde Léon o empregou nas mesmas funções em Nova Petrópolis.

O pobre Matthieu tinha uma paixão funesta pela cachaça e ele ficava insuportável quando bebia. Na bebedeira ele se julgava um homem de importância, ia cambaleando encontrar Léon e lhe dizia invariavelmente: Senhor Léon, eu venho lhe pedir para fazer minhas contas, um homem como eu não deve desperdiçar o seu trabalho pelo que eu ganho aqui.

- Bem, bem, respondia Léon, eu vou providenciar, estará pronto amanhã.

No dia seguinte Matthieu, já sóbrio, aproximava-se de Léon, sorrindo com um ar pesaroso, segurando seu boné com u'a mão e alisando com a outra sua espessa cabeleira negra, esperando que se lhe dirigisse a palavra.

- O que você deseja, Matthieu? perguntava enfim meu filho.

- Senhor Léon, eu acho que ainda disse asneira ontem a noite, eu espero que o senhor não pense mais nisso.

Léon ria e tudo estava dito. Ser-lhe-ia impossível castigar Matthieu que apesar de tudo era de boa índole e, além do mais, um compatriota seu.

Matthieu deu-me uma carta para seu pai, que já tinha morrido na ocasião em que eu voltei à Bélgica.

Não longe de Porto Alegre, uma família sarda, se não me engano, morava numa bonita casa rodeada de árvores à margem de um rio. Chamava-se De Leoba. Uma encantadora menina, Isolina, era filha única do casal. De Leoba era um grande negociante de carneiros, para quem todo homem era um irmão, que acreditava não possuir legitimamente dois vinténs, quando esses dois vinténs pudessem aliviar a miséria de um necessitado. Ele entusiasmou-se por Garibaldi, quando da estada do grande agitador no Brasil; nessa ocasião estava Garibaldi necessitando dinheiro. De Leoba não tinha nunca reserva, mas vendeu três negros e ofereceu o produto da venda ao seu herói. O negociante por assim agir só conservou consigo um único negro, o que obrigava o patrão freqüentemente a dividir o serviço com o escravo.

Quando eu fui me despedir dessa boa gente, De Leoba pediu-me para não recusar o pequeno presente que ele e sua esposa tinham intenção de me oferecer para que eu não os esquecesse tão cedo.

- Eu lhe depositarei o objeto no barco a vapor e se a Senhora passar por Paris, a Senhora gozará a admiração dos parisienses.

Eu não adivinhava a natureza do presente que me destinavam. Eu via que meus filhos, nos olhando, se esforçavam para não rir. Enfim De Leoba me disse que ele havia criado um carneiro que não tinha se desenvolvido e no qual tinham crescido quatro chifres, e que bem domesticado me seguiria como um cão, o que, repetia ele, faria o povo seguir atrás de mim nas ruas de Paris.

Pode-se conceber que mesmo apreciando a boa intenção do criador do carneiro, eu seria desculpada de ceder ao acesso de riso que tive. Eu me via passeando em Paris seguida do animal de quatro chifres, que perseguido pelos cachorros e moleques me faria ser tomada por uma saltimbanca ou por uma louca.

De Leoba era um homem bom demais para levar a mal a minha hilariedade. Agradei cordialmente a sua oferta e lhe fiz compreender que, desejando parar por algum tempo no Rio de Janeiro, eu teria dificuldades de lá encontrar uma moradia para o carneiro. A pequena Isolina aproximou-se de mim, dirigindo um olhar brejeiro a seu pai, e carregando um pequeno cofre aberto que continha seus adornos, ela disse: minha lembrança, Senhora, será menos difícil de guardar, faça-me o favor de escolher um desses anéis.

A mãe estava radiante do espírito tão a propósito de sua filha que ainda não tinha completado oito anos, e para me fazer perdoar a negativa do carneirinho, aceitei o anel mais simples do estojo.

Eu via frequentemente uma família alemã que havia instalado uma churrascaria nos arredores de Porto Alegre. Se eu alguma vez tivesse a veledade de negar uma das qualidades do coração da espécie humana, o pensamento nos esposos Gerbert me impediria de o fazer.

Eles quiseram me oferecer uma refeição de despedida para a qual eles convidaram meus filhos e alguns de seus amigos. Insistiram tão afetuosamente para me persuadir a ficar entre eles, que houve um momento no qual eu pensei em não mais partir. A reflexão me deu coragem de resistir a todas suas boas palavras; a mãe e os filhos não comeram mais, a menor alusão à minha partida provocava suas lágrimas. O senhor Gerbert os consolava declarando que alguma coisa lhe dizia que eu voltaria ao Brasil, à casa deles.

Quando eu disse um último adeus a esses excelentes amigos, a senhora Gerbert puxou-me de lado para me dizer que ela considerava meus filhos como seus irmãos, e que não importando as circunstâncias em que eles pudessem se achar, eles teriam em seu lar um lugar na família.

Meu Deus! porque três mil léguas me separam desses corações de escol?

Àqueles que achem esses detalhes, por serem muito pessoais, repletos de inconveniência e de pretensão, eu terei a honra de responder que minha única intenção ao relatar esses fatos, donde eu gostaria de suprimir o eu, era a de constatar que a civilização cujo progresso alcança seu apogeu na velha Europa poderia bem não valer tanto quanto muitas idéias que permanecem primitivas pelo

contato com uma nação jovem. Que um estrangeiro, um viajante, tente encontrar na Europa não somente um abrigo passageiro no lar de uma família, mas ainda corações simpatizantes que, não contentes de compartilhar das preocupações dele ainda se esforcem para as aliviar, e procure além disso mãos abertas e braços fortes que lhe abram o caminho para uma posição que ele nunca ousaria almejar na sua própria pátria e vêde se em lugar de simpatia, bondade e proteção ele recolhe algo que não seja humilhações, recusas grosseiras, insolência e pouco caso.

Muitas vezes o senhor d'Ornano tinha me falado do cônsul francês no Rio de Janeiro. O senhor d'Ornano, como todos os que conhecem o senhor Taunay, lhe dedicava uma admiração e uma consideração sem limites. Seu entusiasmo pelo cônsul-geral da França era tão vivo que chegava a ser contagioso; eu desejava então não deixar o Brasil sem travar conhecimento com o Senhor Taunay e ter a honra de ser recebida pelo Imperador Dom Pedro II.

O barão D'Ornano, providente como sempre, deu-me uma carta de apresentação ao senhor Taunay, e ofereceu-me sua intervenção para obter de sua Excelência o Presidente da Província uma passagem do Estado no magnífico vapor que faz o serviço de Rio Grande a Porto Alegre.

Não preciso dizer que aceitei essa nova gentileza do barão d'Ornanom, e, meus preparativos terminados, fixei a minha partida para o dia trinta de abril.

Nesse dia, fui abraçar uma última vez a senhora Einzelmann e seus queridos filhos, e ao meio dia meus filhos e o senhor barão d'Ornano me acompanharam até o barco a vapor. A tristeza de meus filhos era tão grande que só o respeito humano me fez persistir em partir. Pobres moços! que de uma maneira ou de outra o céu nos reuna ainda nesta terra, para que eu possa lhes dizer por experiência própria que a nostalgia não foi certamente nada mais que a invenção de um cérebro doente. A pátria do coração é lá onde está a família, lá onde estão aqueles que nos querem bem.

Entre os passageiros do vapor que nos conduzia ao Rio Grande achava-se o jovem barão de Porto Alegre, que estava de volta após ter terminado sua educação na Europa. Proprietário de escravos, ele retornava à sua pátria com as idéias filantrópicas da Europa, e se propunha a dar a liberdade aos seus negros. Ele era belo, jovem, rico e instruído, possuía assim tudo para ser feliz, e no entanto eu não pude evitar o receio de que certas opiniões, admitidas na Europa e falsas no Brasil, viessem a lhe ser fatais.

No dia seguinte nós chegamos ao Rio Grande, onde eu tomei o belo pacote "Apa" para o Rio de Janeiro. Um empregado de uniforme, que eu julguei ser o capitão, acolhia os passageiros com uma certa cortesia; quando chegou a minha vez de embarcar, eu lhe apresentei o documento que me havia sido dado em Porto Alegre; parece que este documento me outorgava uma distinção rara, pois o indivíduo ficou estupefato. Com espanto, ele repetia: passagem do Governo! Uma estrangeira, exclamava ele, uma francesa!

Eu lhe fiz notar que eu não era uma francesa, e que meus filhos estabelecidos no Brasil af me constituíam uma família, e por causa dessa família eu não poderia ser considerada absolutamente uma estrangeira. De resto, eu poderia me poupar todas essas explicações, meu interlocutor não tendo nada a ver com o fato. O verdadeiro capitão, comandante do Apa, era um americano velho, cheio de

boas maneiras e suave dignidade. Parece-me que assim deveriam ser esses como-dores famosos dos quais a história da Inglaterra registrou tantos feitos grandes e nobres.

Depois de seis dias de uma feliz travessia, nós entramos na baía do Rio de Janeiro. Essa baía admirável, bastante ampla, eu creio, para abrigar todas as frotas do mundo, é descrita tão freqüentemente, que eu não ousou me permitir inúteis repetições.

O comandante teve a gentileza de enviar ao senhor Taunay o bilhete do senhor d'Ornano que lhe pedia que me mandassem buscar a bordo do vapor que ficava ancorado a uma distância bastante grande da margem. Enquanto esperava fiquei a bordo com a tripulação, à qual o capitão dera ordem para que eu fosse tratada com toda consideração. O empregado, que no início não tinha parecido muito satisfeito de ver em minha pessoa uma passageira do Governo, me cobria de gentilezas. No fundo era ele uma boa pessoa; talvez não tivesse ele razões para gostar das francesas, pois uma vez minha identidade belga estabelecida, ele foi para comigo de uma cortesia perfeita.

Uma embarcação da legação francesa veio me buscar ao navio a vapor; o adido do consulado, enviado pelo senhor Taunay impedido por uma indisposição de comparecer pessoalmente, era um recém chegado da França, e parecia não estar gostando muito do Rio.

Eu confesso que a entrada da capital do Brasil foi para mim também extremamente desagradável. O cheiro infecto que logo se sente não predispõe à simpatia. Esse cheiro é provocado pela ausência de esgotos, o que obriga os habitantes a mandar todos os dias seus despejos para fora, por negros encarregados de os lançar ao mar; mas freqüentemente, quando chove, eles os jogam nas ruas, esperando que a água da enxurrada se incumbirá da tarefa que lhes tinha sido designada. Essa imundície é certamente uma das causas das febres endêmicas que assolam as regiões do norte do Brasil.

Penso que poucos estrangeiros que se tenham encontrado em alguma dificuldade no Rio de Janeiro não tenham sido socorridos pelo senhor Taunay. Há quarenta e tantos anos o senhor Taunay exerce as funções de cônsul da França no Rio; ele ocupa uma casa espaçosa, apenas mobiliada, e seus criados vivem melhor e vestem-se melhor que ele; para não cansar seus empregados ele passa a noite inteira fazendo os serviços deles; tendo uma saúde fraca, sua vida frugal em excesso, junto a um trabalho contínuo, o enfraquece ainda mais. Para o senhor Taunay todos os infelizes são considerados compatriotas. Aquele que sofre encontra no consulado da França socorro e consolação.

Nunca o senhor Taunay cerra sua bolsa ou seu coração ao infortúnio. Quando não tem dinheiro, ele presenteia suas roupas, de modo que seu guarda-roupa se restringe freqüentemente ao estritamente necessário. O senhor Taunay é muito instruído, mas de uma modéstia incrível; sua bondade é imensa. Contaram-me que uma vez tendo ele se esquecido de levar consigo a chave da casa, e tendo voltado tarde, passou a noite à soleira de sua porta para não ter que incomodar os negros que ele tinha na ocasião a seu serviço. Uma outra vez, convidado, com o Embaixador da França, para um jantar de cerimônia numa fragata francesa ancorada no estuário do Rio, ele mandou fazer um terno especial

para a circunstância; apenas o alfaiate o tinha entregue, um indivíduo se apresenta ao cônsul e lhe confessa que tinha que ser padrinho em casa de uma família de franceses, mas que não possuía uma roupa conveniente para a cerimônia. Ora, o senhor Taunay, muito religioso, não hesita em dar a esse desconhecido todas as coisas novas destinadas à sua toilette para o banquete do almirante francês, ao qual ele compareceu vestido com uma calça surrada e uma casaca já rustida. O espanto dos convidados, e mesmo o descontentamento, manifestaram-se sem que o senhor Taunay parecesse perceber. Mas quando mais tarde se soube porque esse verdadeiro cristão tinha se resignado a suportar as mortificações às quais sua generosidade o expunha, houve uma exclamação única de admiração e respeito entre os dez mil franceses que se acham no Rio, todos com razão ufanos de seu cônsul. O estado maior da fragata não deixou de render uma homenagem merecida à rara virtude do homem que o fizera sorrir desdenhosamente na véspera.

Com uma bondade simples o senhor Taunay me ofereceu hospitalidade na sua casa. Durante mais ou menos seis semanas eu fui testemunha dessa vida de devoção e abnegação, dessa caridade sem limites se estendendo a todos os que sofriam, e da qual freqüentemente os benefícios iam ao encontro do infeliz antes mesmo que este os tivesse solicitado.

Eu havia comunicado ao senhor Taunay o meu desejo de ver o Imperador. O cônsul era ligado por laços de amizade à senhora condessa do Barral, governanta das jovens Princesas; ele deu-me algumas palavras de apresentação a essa senhora, que como digna amiga do senhor Taunay me recebeu com afabilidade e prometeu-me sua intervenção para me fazer obter uma audiência de Dom Pedro II.

Ainda uma vez graças ao cônsul, foi-me possível visitar dois estabelecimentos admiráveis: o hospital da Misericórdia e o asilo francês. Essas duas casas são dirigidas e servidas por francesas da ordem de São Vicente de Paulo. Deixemos os cépticos falarem: à entrada dessas duas casas suas máximas caem por terra nesses dois asilos da doença e da fraqueza; aparecem sublimes essas santas moças que atravessaram os mares para se dedicar ao pobre, ao fraco, ao sofredor, expondo-se a contágios mortais dos quais elas freqüentemente se tornam vítimas.

Em menos de seis anos o cemitério do hospital da Misericórdia tinha abrigado trinta e cinco dessas servas do Senhor, quase todas tinham sucumbido ao cólera ou à febre amarela. Entre as irmãs da Misericórdia se achavam duas belgas, que pareciam contentes de ver uma compatriota mas me afirmavam não terem saudades da pátria.

No asilo francês, dirigido igualmente pelas irmãs de caridade, educam-se as crianças francesas órfãs ou indigentes. Essas crianças não possuíam uniforme, como os que são dados pelas instituições de caridade na Europa. Os pensionistas do asilo estavam vestidos de acordo com sua idade e todos, meninos e meninas, tinham um ar de saúde que dava prazer ver.

Eu não esquecerei nunca a solenidade do encerramento do mês de Maria cujas rezas eu havia acompanhado. Nesse dia um capelão francês, ligado ao estabelecimento, dirigiu-se, depois da cerimônia, à assistência que era numerosa; sua alocação foi, em substância, o seguinte:

Meus irmãos, dizia ele, eu aproveito o momento desta reunião para vos dirigir um pedido: para vossos casamentos, para o batizado de vossos filhos,

outro padre que não eu vos prestará seu ministério quando desejado por vós, e de coração e de boca eu não invejarei meus colegas. Mas deixai a mim a missão de consolar: que os doentes, os aflitos lembrem-se de mim nos momentos de sofrimento, que a qualquer hora do dia ou da noite eles me façam chamar quando minha presença possa ser agradável ou útil, eu me julgarei o mais aquinhoado e, meus irmãos, eu me comprometo a justificar sempre, diante de Deus, seja a vossa esperança, seja a vossa confiança.

Essas nobres palavras escutadas com recolhimento produziram uma emoção profunda, e de minha parte eu não pude conter as lágrimas.

Um tal padre, num país onde os ministros do culto se respeitam tão pouco, é uma bênção da Providência. Também inúmeros fiéis que antes da sua vinda não se aproximavam dos Sacramentos, atraídos pela bondade desse apóstolo da caridade cristã, cumprem hoje seus deveres de piedade com fervor cristão.

IX

A senhora condessa do Barral teve a gentileza de me fazer saber que Sua Magestade o Imperador se dignava de me receber no dia que me conviesse, às cinco horas da tarde. Logo no dia seguinte eu quis aproveitar desse favor. A família imperial estava no seu castelo de São Cristóvão, distante uma pequena légua do Rio. A senhora Taunay havia mandado buscar uma carruagem e às quatro horas eu me dirigi à residência de Dom Pedro II.

A porta do palácio estava repleta de mendigos de ambos os sexos aos quais se fazia abundante distribuição de comestíveis e de dinheiro. Eram os pobres da Imperatriz. Eu não tinha cartão de audiência, mas à menção do nome da senhora condessa de Barral, fizeram-me subir até uma galeria aberta onde passeavam diversos grandes dignitários. Um deles teve a bondade de se dirigir a mim para me dizer que o Imperador não tardaria a atravessar a galeria e que pararia para me escutar. Meu interlocutor parou no meio da frase, e fez espontaneamente alguns passos para trás. Todos os que passeavam pararam e eu me encontrei de repente diante de um personagem, cuja aproximação eu não tinha percebido. Era o Imperador. Estava vestido com uma casaca preta e ostentava, se não me engano, a grande estrela da ordem de Cristo. Estupefata por essa aparição repentina, eu não pude encontrar outra coisa a dizer a não ser a exclamação tola:

- Sois vós, Sire!

O Imperador sorriu e me disse com uma bondade que não sou capaz de reproduzir:

- Não é nada, fale sem receio.

Ele me escutou com atenção. À exposição do meu pedido ele respondeu:

- Eu não posso no momento tomar uma decisão, mas creio que ela será favorável.

Sua Magestade perguntou-me se eu deixava o Brasil por muito tempo e pareceu-me surpreendido quando respondi:

- Provavelmente não para sempre, Sire. Ele teve a gentileza de me fazer observar que eu deixava filhos no Brasil e eu lhe respondi que ia encontrar meus filhos mais moços na Bélgica.

Quando saí da audiência imperial, parece-me que eu daria qualquer coisa do que me resta a viver para demonstrar ao Imperador minha gratidão e meu entusiasmo.

Voltei ao consulado da França verdadeiramente encantada e triplamente feliz do colóquio com o qual tinha sido honrada por um tão grande Soberano.

Dom Pedro II é um dos mais belos homens que se possa conhecer. De estatura alta, tem um porte de uma dignidade que não chega a intimidar graças à doçura do seu olhar; exprime-se perfeitamente em francês, fala com simplicidade, até mesmo com bonhomia. É impossível não se ter toda a reverência por tais Príncipes.

Quando comuniquei ao senhor Taunay o resultado da audiência, eu lhe disse sorrindo que o Imperador parecia não acreditar que se pudesse deixar o seu belo Brasil para não mais voltar.

- Espere, respondeu o senhor Taunay, eu vi muitos deixarem o Brasil por vontade própria, alguns mesmo com prazer, mas poucos não se arrependeram. Talvez, Madame, também a senhora, recordando as palavras de Sua Magestade, atribuirá um dia a elas um sentido profético. O senhor Taunay disse a verdade.

O hospital dos loucos no Rio é um vasto palácio; também lá são as irmãs francesas que dão atendimento.

Numa imensa sala, chamada o apartamento do Imperador, acha-se a estátua do Monarca, único enfeite da sala, que por toda decoração possui somente as cortinas nas janelas.

Os loucos, cuja loucura não é furiosa, fazem diversos trabalhos manuais: os homens fazem cestas e flores, as mulheres costuram, bordam e fazem bonitos objetos de enfeite. A religiosa que me acompanhava circulava sozinha pelas salas de homens e mulheres com uma segurança que me maravilhava. Eu me sentia mal a vontade no meio dessa gente, cujo estado mental podia, sem motivo algum, tornar-se furioso e que, fortes como quase todos os entes privados da razão, poderiam nos pregar uma peça sem ter consciência de sua ação.

Enquanto estávamos na oficina das mulheres, uma outra irmã entrou com uma menina de dez anos. Essa criança vinha visitar a mãe que lá estava há quatro anos; parece que revezes de fortuna foram a causa da sua perda de razão. Os médicos julgavam seu caso incurável. A infeliz mulher não reconhecia sua filha; sua grande preocupação eram os adornos, imaginava-se vestida elegantemente, e estava continuamente à espera de uma porção de jóias e trajes encomendados por ela; seu vestido de chita rasgado em diversos lugares era, dizia ela, de um tecido precioso, somente o modelo não era de seu gosto. Seus bastos cabelos negros

estavam arrepiados; a falta de ordem na sua pessoa nos fazia mal à vista e a incoerência dos seus propósitos fazia-nos doer o coração. Sua pobre filhinha lhe havia trazido algumas guloseimas; ela quase não prestou atenção ao presente, mas perguntou pelo xale que lhe faltava para completar sua toilette. A criança chorava ao deixar sua mãe que observava suas lágrimas com curiosidade.

A febre amarela se alastrava pelo Rio de Janeiro com uma violência extrema, e os estrangeiros, os marinheiros principalmente, pagavam o tributo mais alto à epidemia. Um barco de três mastros francês acabara de perder todos seus oficiais e dois terços de sua tripulação. O cônsul francês havia designado um capitão francês que estava no Rio para comandar o navio e o levar de voltar a Marselha. Eu comecei a temer a febre amarela, e pedi ao meu anfitrião de convencer o novo capitão do “Virgile” a me levar como passageira a bordo. O digno capitão observou que o navio não estava equipado absolutamente para receber passageiros, que uma senhora iria se sentir pouco à vontade e que ele desejava fazer economia nas suas provisões. Eu intervim para garantir ao capitão que eu me contentaria perfeitamente com a sua mesa e que meu desejo de rever a Europa era tão intenso, que durante o percurso que lá me levaria eu não notaria nada da falta de conforto. Enfim o capitão Palvadeau consentiu em me receber a bordo “Virgile”. O senhor Taunay fixou o preço da passagem. Ele mesmo me conduziu a bordo na véspera da partida; no dia seguinte cedinho esse excelente homem veio ainda me apertar a mão e me trazer uma cadeirinha desmontável que me foi muito útil durante a travessia.

Eu estava muito comovida ao dizer adeus a esse digno cônsul, que já na embarcação que o levava de volta me enviava ainda seus calorosos votos e não cessava de recomendar ao capitão que me fosse agradável em tudo.

Este não havia caluniado seu navio, que era tão inconfortável quanto possível. O “Virgile”, construído para fazer a pesca do bacalhau, havia servido oito anos com esse fim. Tudo lá era sujo, pobre, incômodo. Eu acho que o assoalho da cabine nunca tinha sido esfregado, pois a sujeira era tão grossa que se tinha a impressão de caminhar sobre um terreiro. A superfície dos objetos de cozinha conservava a marca dos dedos; um jovem marinheiro tinhoso enxugava as xícaras e copos com um pedaço de tecido da vela do navio que lhe servia também para enxugar o suor da testa.

O cozinheiro era um negro horrível com um olhar falso. Ele se divertia em deparar as galinhas vivas que passeavam no tombadilho. A água doce em uso estava sobre o tombadilho num barril sem tampa; uma caneca de lata estava pendurada ao lado. Todos os homens apanhavam água no barril com a caneca e lá jogavam o resto quando tinham bebido. E todos esses homens mascavam tabaco ininterruptamente.

O capitão era um bom homem, falava única e continuamente de si e dos seus; tinha uma jovem esposa que ele parecia adorar, e entretinha até os marinheiros com os detalhes de suas perfeições. À falta de outro auditório, ele ia conversar com o homem que estava ao leme e lhe narrava pela milésima vez que sua mulher era bela entre as mais belas, que ela se chamava Lucie, que seu filho tinha cinco anos, que o chamavam de Daniel e que ele dizia “acachofra” em vez de “alcachofra”. Toda a tripulação conhecia de cor as qualidades e o retrato da senhora Palvadeau, que o capitão não se cansava de exhibir. Em resumo, o senhor

Palvadeau era um homem perfeitamente honesto, cuidando dos interesses do armador e pagando do seu próprio bolso o que fosse necessário. Tinha muita experiência como marinheiro, mas não sei bem o que pensar de seus outros conhecimentos. Ele nunca tinha sabido que existia um rio que se chamava Reno; além disso ele era capitão de alto mar, o que lhe importavam os rios do interior?

O "Virgile" corria seis nós na sua maior velocidade e a cada chuvisco, a cada brisa um pouco forte, o capitão fazia recolher as velas pequenas e ferrar as velas grandes. Sua prudência chegava às raízes da pusilanimidade e nos impedia de avançar. O imediato se desesperava e a tripulação estava aborrecida. E, mesmo assim, esse homem, de uma prudência que chegava a provocar o sarcasmo, ia tentar e obter êxito numa prova sobre a qual ele meditava desde há muitos anos. Parecia-lhe que para voltar do Brasil à França deveria existir uma rota menos longa que a seguida até então, e que além disto não se exporia às calmarias e às chuvas torrenciais tão preocupantes na zona do Equador.

Ele seguiu então a sua rota pelas ilhas do Cabo Verde e atravessou o Equador a trinta e quatro graus e cinquenta e um minutos Oeste. Essa combinação foi feliz, nós não tivemos nem chuvas nem calmarias, atravessamos a linha navegando a cinco nós, e à passagem da ilha de Cabo Verde não encontramos o menor cartão, apesar das profecias da tripulação. Cada dia o capitão riscava sobre duas cartas marítimas (das quais uma me era destinada) a rota que nós tínhamos percorrido, e mesmo sendo eu absolutamente ignorante em tudo que diz respeito à arte do navegante, vi perfeitamente que a nova rota diminuía consideravelmente as distâncias, e que sem essa feliz invenção nossa viagem seria prolongada de um mês.

O "Virgile" era um verdadeiro tamanco: era feio, era pesado, mas nele não entrava uma gota de água; era de uma solidez a toda a prova e seu cordame bem conservado estava quase novo. Em resumo, suas boas qualidades compensavam as más. Além disso o tombadilho não estava abarrotado, podia-se por lá caminhar à vontade; pescavam-se magníficos dourados e enormes golfinhos, cuja carne assada se assemelha perfeitamente à carne de vaca. Quando se pegava com o harpão um golfinho, o cozinheiro negro fazia uma incisão no pescoço do animal e lhe chupava todo o sangue.

Durante diversos dias quatro cachalotes seguiram o navio, nadavam aos pares e se aproximaram tanto de nós que seria fácil pegá-los. Deve-se crer que o instinto desses animais lhes dizia que nós não tínhamos nenhuma possibilidade de lhes fazer mal.

Fenômeno admirável no mar e do qual ninguém se cansa é o pôr do sol; nunca eu me cansei desse espetáculo, parece-me que nada na criação é tão sublime. O essa vista, durante essa hora solene, nenhum pensamento mau, cético ou mesquinho aflora ao coração.

A marcha deficiente do navio, que alongava além de qualquer medida a travessia, fez que nós ficássemos ameaçados de falta de água doce. Nas costas do Marrocos nós comunicamos isso a um barco francês que vinha de Moçambique e havia feito escala em Santa Helena, onde tinha renovado sua provisão de água. O capitão do "Golinguba" dividiu conosco a água em troca de comestíveis que lhe faltavam. O imediato do "Virgile", tendo ido a bordo do

“Golinguba”, trouxe-me uma encantadora rolinha, bem pequenina, com cores brilhantes e um canto doce como as primeiras notas do canto do rouxinol.

Embarcações infinitamente pequenas, cada uma com uma vela latina presa a um pequeno mastro que podia ser arreado a vontade, singravam o oceano perto das costas marroquinas; uma delas chegou junto de nós sem que a tivéssemos visto se aproximar. Num abrir e fechar de olhos quatro homens treparam eu não sei como sobre o “Virgile” e pularam no tombadilho, um quinto tendo permanecido na embarcação. Esses homens ofereceram para vender frutas e galinhas que eles traziam na sua canoa. Eu comprei deles uvas e tâmaras, o capitão nem lhes dava ouvidos e exigiu que eles se retirassem logo; a resistência deles o exasperava ao ponto dele ordenar aos marinheiros que os espancassem caso não se fosse.

Em verdade, o aspecto dos marroquinos não era animador, com os olhos eles inspecionavam a tripulação e consultavam-se entre si com o olhar. Evidentemente suas intenções não eram nada pacíficas, e poderia acontecer, como dizia nosso capitão, que se esses bandidos estivessem convencidos de serem suficientemente fortes, eles tivessem matado primeiro para depois pilhar o navio.

Durante nove dias horríveis nós ficamos com o vento para diante do estreito de Gibraltar. Uns sessenta navios compartilhavam de nosso infortúnio, e, como nós, tentavam diariamente entrar nesse desgraçado estreito que parecia nos rechazar. Enfim, durante a noite do nono dia, o vento mudou e no dia seguinte entramos no Mediterrâneo. Desde então nós imaginávamos ter chegado felizmente ao termo da viagem. Essa miniatura de mar oferecia tantas distrações que não se cogitava mais de se lamentar da monotonia do tempo.

X

No dia dez de setembro o “Virgile” entrou no porto de Marselha. Infelizmente nosso atestado de saúde, fornecido no Rio de Janeiro pelo cônsul francês, declarava que a febre amarela lá se alastrava, e, mesmo que nos nossos três meses de travessia não tivesse sido constatada a bordo a menor indisposição, fomos submetidos à quarentena.

O piloto, que desde a manhã tinha vindo assumir a direção do navio, o levou a Frioul entre as ilhas Ratonneau; forneceram-nos um guarda de saúde que tinha por missão velar para que nenhum de nós se comunicasse com quem quer que fosse de estranho a bordo. Frioul é um sítio deploravelmente triste, encaixado em montanhas áridas constituídas de uma pedra acinzentada; a ausência de qualquer vegetação nos põe um negrume na alma ao mesmo tempo em que o estúpido seqüestro do qual nós éramos objeto nos tornava impacientes.

Foi-me concedido descer à terra, isto é, de circular no estreito caminho que separa as montanhas da bafa. O imediato do “Virgile” me acompanhava; acreditando ele no maravilhoso conto de Dumas relativo ao castelo d’If, que tínhamos à nossa vista, me propôs de irmos visitá-lo no fim de nossa quarentena. Um empregado do lazareto vindo em sentido inverso, com um cachimbo na boca,

parou de repente a alguns passos de nós; meu companheiro pediu-lhe fogo, e o indivíduo colocou sobre a terra seu cachimbo aceso e retomou de volta seu caminho correndo quanto podia.

Admirada, eu interroguei o oficial com o olhar, e meu ar estupefato o fez estourar de rir.

- Eh, disse ele, eu esqueci que até amanhã nós somos considerados pestilentos que devem ser tratados como tais. Ele gritou para o homem vir buscar seu cachimbo, no qual ele não tocou, e nós voltamos para o "Virgile".

As águas da baía eram povoadas de ouriços com os quais os marinhos se regalavam com gosto. Nós estávamos ao lado de uma galera espanhola em cujo tombadilho permaneciam constantemente diversas moças, o que interessava muito a nossa tripulação. Elas não eram bonitas e sua eterna vivacidade as fazia ser consideradas um pouco como as "virgens loucas".

Enfim a quarentena acabou; uma embarcação do "Virgile" nos conduziu à alfândega onde minhas malas foram examinadas, e de lá nós fomos liberados para entrar na cidade.

Eu pedi para me levarem à casa da senhora de um amigo de Léon, para a qual eu levava uma carta de seu marido; pedi-lhe que me indicasse um hotel mais ou menos confortável, e escoltada por sua criada eu cheguei ao Hotel da Europa.

Eu estava contente de passar a noite em terra firme; acomodei-me deliciosamente numa poltrona do quarto onde me instalaram e me deitei mais tarde, feliz, numa cama confortável onde não sentiria o acalantar do zimbrar do navio. Mas ah!, apenas apaguei minha vela, senti-me mais mal a vontade do que nunca tinha me sentido a bordo do "Virgile"; inúmeros perचेjos me inflingiram uma tortura incrível e me impediram de dormir; de madrugada levantei-me, todos dormiam ainda no hotel. Às oito horas a senhora R... mandou me buscar, e quando eu lhe disse da má noite que eu acabara de passar, ela forçou-me a aceitar um alojamento na sua casa.

Fiquei só poucos dias em Marselha, fiz sem perda de tempo o trajeto da cidade fociana a Bruxelas, que eu revi com uma felicidade indescritível.

Eu tinha comprado em Marselha algumas latas de sardinhas e de frutas em conserva; tinha metido tudo numa caixa pronta a ser submetida à avaliação do imposto de entrada; minha surpresa foi grande ao ver meu carro atravessar os portões sem que nenhuma observação do fisco o fizesse parar. Soube logo que nossa feliz Bélgica tinha sido libertada dum imposto tão vexatório quanto oneroso, e que lá se podia circular com a mesma liberdade que na livre Inglaterra.

Não pude conter minha emoção quando me contaram como um dia, à meia noite, as barreiras que separavam a cidade dos subúrbios caíam sob as aclamações entusiásticas de um povo que é digno do excelente Monarca que ele saber apreciar.

Mas de ano em ano a vida torna-se mais cara na Bélgica, os aluguéis não têm mais limite de preço, e o menor pedaço de terra é inatingível para as bolsas modestas. Assim é que os que vivem de sua pequena renda e os empregados subalternos vivem com dificuldade; os operários vivem miseravelmente, por causa

da insuficiência do salário; o sistema de centralização de capitais que se introduziu aqui ameaça constantemente os operários com uma miséria que cresce dia a dia.

Por que não remediar esse estado de coisas, por que não garantir uma vida fácil a esses deserdados dos bens deste mundo, povoando um canto desse belo império do Brasil com o excedente de nossos trabalhadores? O governo do Brasil não quer outra coisa que conceder terras que em poucos anos tornam os seus cultivadores ricos fazendeiros.

Essas terras, que duas vezes por ano produzem abundante colheita, não exigem nada mais que uma labuta fácil. Daqui a um tempo pouco distante, elas terão centuplicado seu próprio valor, porque sendo o Brasil quase o único estado das duas Américas que promete uma paz durável, toda a emigração européia para lá se dirigirá, logo que os resultados obtidos pelos colonos atuais sejam mais amplamente conhecidos.

A extensão da travessia que antigamente assustava os emigrantes não existe mais hoje graças à navegação a vapor: atualmente é suficiente um mês para se dirigir ao sul do Brasil, enquanto noutros tempos um navio a vela levava três meses. É verdade que não existe ainda travessia regular da Europa por vapor, a não ser para as províncias do norte do Brasil, mas a população e o comércio do sul, aumentando rapidamente, é de se esperar que um serviço de barcos a vapor seja logo organizado com esse destino.

Pessoalmente eu apelo ardentemente para a benévola simpatia de nossos governantes em favor da organização de uma colônia belga na parte sul do Brasil, na proximidade de um grande rio, persuadida de que poucas regiões do globo apresentam vantagens, de todo o gênero, como as que os estrangeiros encontram no Brasil e que nenhum país oferece melhores.

APÊNDICE

ALGUMAS REFERÊNCIAS À OBRA DE MADAME VON LANGENDONCK

Além do artigo de Augusto Meyer colocado à guisa de introdução do presente volume, julgamos oportuno transcrever alguns comentários ao livro da escritora belga:

1. Abeillard Barreto:

“A 30 de abril de 1857 deixamos o porto de Antuérpia, no brigue *Amanda*, com destino ao Rio Grande do Sul’. Assim começa, praticamente, o relato das aventuras vividas na colônia Montravel (hoje Soledade) por uma mulher ilustre, das poucas que deixaram memória da vida brasileira em meados do século XIX.

Chegada à barra do Rio Grande a 9 de julho, a primeira impressão que teve da província, através da cidade marítima, não foi muito favorável: areia por toda parte, poucas ruas pavimentadas e casas inconfortáveis! Visita ligeira, pois no mesmo dia a viagem prosseguia para Porto Alegre, esta, sim, cidade bonita, nova pitoresca, com ruas bem calçadas. Léon, o filho mais velho, antecipa-se à autora, seguindo dois dias após a chegada já diretamente para a escolha do terreno na colônia, no qual é imitado pela mãe uma semana depois, sem que valessem os conselhos e advertências do próprio Montravel, quanto à insegurança da vida, para uma senhora, na floresta virgem.

A viagem pelo Jacuí até a venda do major Guimarães, onde demora dez dias em virtude das chuvas; o prosseguimento, a cavalo, até Harmonia, onde se localizavam os escritórios Montravel, são apenas como uma introdução às aventuras que a autora passa a viver na mata, com os vizinhos mais próximos a longa distância e, em compensação, com tigres, cobras, aranhas ou mesmo índios a muito pequena! Mas, em pouco tempo, a luta é abandonada.

Diz a autora que os filhos resolveram deixar definitivamente a colônia e ei-la de regresso a Porto Alegre, com escala em Harmonia novamente. Na capital, trava conhecimento com o então cônsul francês, barão d’Ornano, que durante alguns anos figurou na crônica social da cidade, e tratou logo de pôr-se em contato com o presidente da Província, obtendo proteção para os filhos. Graças à influência do barão - diz ela - o futuro deles estava assegurado contra todas as eventualidades da emigração: o mais jovem ia casar-se com uma moça alemã e o

outro, Léon, tinha a perspectiva de ocupar-se na medição de terras, possivelmente por dois anos. E, assim, desnecessária sua presença, despede-se dos amigos de Porto Alegre e viaja para o Rio de Janeiro, sem que se possa saber, através do pequeno volume, quanto tempo esteve a autora no Rio Grande do Sul. Por outras fontes confere-se, porém, que ela permaneceu na província até 1860, quando regressou à Bélgica.

No Museu Imperial de Petrópolis existem várias cartas da sra. Langendonck ao imperador e à imperatriz, assim como poesias dedicadas ao primeiro (docs. 6542, 6711, 6727, 6901, 6951, 7053, 7129, 7563, 7811). Por estes documentos se constata que já em dezembro de 1863 estava de volta ao Rio de Janeiro, onde escreve *Le Retour*. Ao chegar D. Pedro II a Porto Alegre, pede-lhe uma audiência para oferecer os serviços de seu primogênito nas forças brasileiras que iriam combater no Paraguai (carta de 18-8-1865). E na capital gaúcha continua a correspondência de 1865. Já dois anos depois começa a ser datada de São Leopoldo e assim se estende até 1869; e com um hiato prolongado é retomada a 28-10-1872, mas da Serra dos Tapes, de onde é também a última carta da série, de 8 de dezembro de 1874. Por essa correspondência a sra. Langendonck pensava publicar outro livro sobre o Brasil, no qual o Rio Grande do Sul teria sido cenário central; mas, em carta de seus parentes da Bélgica, desse ano de 74, se constata que esse propósito não chegou a ser efetivado”.

(*Bibliografia Sul-riograndense*, II, pp. 788/789. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1976).

*

2. Rubens Borba de Moraes

“In 1857 Madame van Langendonck sailed with her two sons to a colony in Rio Grande do Sul founded by the Count de Montravel. She lived there until 1860 when she returned alone to Belgium. This curious book describes the daily life of a pioneer woman. Written with notable optimism, its impressions are nonetheless very interesting. In Rio, Madame van Langendonck was a guest at the house of the Consul Taunay, whose virtues and kindnesses she indefatigably extols.”

(*Bibliographia Brasiliana*, I, p. 455. Los Angeles, University of California/Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1983).

*

3. Miriam L. Moreira Leite

“A viúva belga Marie de Langendonck veio ao Brasil em 1858, afim de visitar alguns de seus filhos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, como colonos. Pouco se conseguiu saber a seu respeito. O texto indica contatos muito diferenciados. A Condessa de Barral e D. Pedro II, de um lado, e colonos e primitivos habitantes das terras que deviam ser colonizadas, de outro. Essa senhora madura manifesta uma atração pela floresta virgem que a fez arrastar muitos

perigos para atingi-la, esquecendo a febre amarela, os esgotos a céu aberto e a falta de comunicações que observou durante a viagem.”

(Segue um excerto do livro)

“E apesar de verificar que ‘insensivelmente todos os celibatários foram tentar a sorte em outros lugares, e só ficaram famílias carregadas de crianças, que não podiam deixar a colônia’ (p. 86), termina o livro com votos de uma colônia belga no sul do Brasil, próxima de um grande rio, persuadida de que poucas regiões do globo apresentavam vantagens tão grandes para os estrangeiros (p. 152)”.

(**Mulheres e Famílias**, em “Famílias e grupos de convívio”, n°17 da “Revista Brasileira de História”, p. 160/161. São Paulo, 1988/1989).

★

4. Visconde de Taunay

“Sobre Theodoro Taunay escreveu honrosíssimas páginas a viajante belga Madame van Langendonck num livrinho interessante; *Une colonie au Brésil*, embora nos pareça haja a autora as vezes floreado algum tanto a sua narrativa. Desejando vir de Porto Alegre ao Rio de Janeiro fora ter com o Cônsul da França ali, Mr. D’Ornano, que resolveu recomendá-la ao serviçalismo do Cônsul Geral.

‘Freqüentemente, escreve Madame van Langendonck, falara-me o Sr. d’Ornano a respeito do Cônsul Francês no Rio de Janeiro. Como todos os que conhecem o Sr. Taunay, votava-lhe o Sr. d’Ornano respeito e admiração ilimitados. Era-lhe o entusiasmo pelo Cônsul Geral da França tão ardente que se tornava contagioso; eu desejava pois não deixar o Brasil sem ter travado relações com o Sr. Taunay e ser admitida à honra de uma recepção do Imperador D. Pedro II. Amável como sempre deu-me o barão d’Ornano uma carta de apresentação para o Sr. Taunay.’

Seis dias mais tarde chegava a viajante ao Rio de Janeiro mandando o comandante de seu vapor levar a carta ao destinatário. Não tardou em aparecer uma lancha da legação francesa com o adido ao consulado que o cônsul, preso em casa por moléstia, mandava a bordo receber a passageira”.

(A seguir, transcreve o Visconde de Taunay as impressões da autora sobre o Cônsul Theodoro Taunay, que se encontram às pp. 54/55 da presente tradução).

(Trechos de minha vida, pp. 199/200. São Paulo, Melhoramentos, 1922).

★

5. Tácito Remi de Macedo van Langendonck

“Quando a poetisa e escritora belga Marie Barbe empreendeu, em meados do século passado, sua viagem ao Brasil, para verificar a possibilidade de organização de uma colônia de compatriotas, já estava viúva e sexagenária. Na companhia do filho Léon, desembarcou na cidade do Rio Grande, tendo feito a travessia do Atlântico a bordo do brigue *Amanda*, exatamente em dois meses e dez

dias, pois saiu da Bélgica em 30 de abril de 1857 e chegou a seu destino a 9 de julho seguinte. Da cidade do Rio Grande seguiu para Porto Alegre e daí tomou o caminho do interior, objetivo da viagem ao nosso país"

(...)

"A missão que a trouxe ao nosso país, embora respaldada pelos desígnios colonizadores, teve um motivo pessoal, muito poderoso, como se depreende das palavras com que ela começa a descrição da vinda às nossas plagas; 'Tenho para mim mesma que ao decidir emigrar para o Brasil, as combinações de interesses materiais eram somente pretexto para ceder à atração do desconhecido, pois, ao invés de ter as vistas voltadas para quanto famos fazer, cuidei mais do que famos a fazer'"

(...)

'O proprietário dos terrenos da futura colônia, ao ver Marie Barbe, sua educação e cultura, tentou dissuadi-la de embrenhar-se no sertão. Damos-lhe de novo a palavra; 'Palavras perdidas. Desde a idade em que comecei a raciocinar, a expressão floresta virgem havia dado curso à minha imaginação e despertado em mim o desejo de ver uma'"

(...) "Muitos e muitos interessantes episódios mais assinalaram a primeira estada, de dois anos, de Marie Barbe van Langendonck no Brasil. Sugestiva a descrição de suas impressões e suas experiências, a sua capacidade de observação e uma criteriosa conceituação, resultantes de espírito bem formado e qualificado por conhecimentos que lhe situam as individualidades de poetisa e escritora, conceituação que em essência e de fato, enaltece o Brasil e sua gente. (...) Marie Barbe seguiu para a Bélgica. Mas, confirmando a observação profética de D. Pedro II, três anos depois, estava de volta ao cáldo país americano, desta vez para ficar e ficar para sempre!

(Discurso de posse na Academia Cristã de Letras, São Paulo, 1979).

*

LE RETOUR

Diversos autores que se ocuparam de Madame van Langendonck e seu livro referem-se ao poema LE RETOUR, por ela escrito quando de sua volta ao Brasil, em 1863. Graças à gentileza do dr. Tácito Remi de Macedo van Langendonck que gentilmente nos ofereceu cópia do referido poema, podemos oferecê-lo aos nossos leitores, fechando, assim, com chave de ouro este volume. Para o dr. Tácito, tal poema demonstra "seu amor à terra que adotou como sua segunda pátria".

LE RETOUR

Brésil, je te revois après trois ans d'absence,
 Pourtant je te quittai pour ne plus revenir.
 De ton attraction j'ignorais la puissance,
 Je croyais n'emporter de toi qu'un souvenir.

Mais sous cet autre ciel, le ciel de ma patrie
 J'eus froid: je regrettai ton horizon de feu,
 L'imposante forêt, que jamais on n'oublie
 Lorsque l'on y vécut sous le seul oeil de Dieu.

A peine loin de toi, tout manquait à mon âme.
 Ta splendide nature au sourire éternel,
 Ton peuple qui charmait tous mes instincts de femme
 Et l'empire si grand qu'il en est solennel.

Mes rêves me montraient une maison connue
 Où toujours m'attendrait un cordial accueil,
 Et de suaves voix qui criaient; Bienvenue!
 Avant que mon regard apercevait le seuil.

Enfin le coeur ému j'avordai cette rive
 Où mes yeux attendris voulaient tout embrasser.
 De mes vœux accomplis la joie était si vive
 Quand dans les bras des miens je me sentis presser!

Salut, toi de mes fils la nouvelle patrie,
 Salut. Je viens reprendre à l'ombre de tes bois
 Cette place ignorée où finira ma vie,
 Où je les bénirai pour la dernière fois.

M. van Langendonck
 Rio de Janeiro 12 Décembre 1863.

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS

I – INSTITUTOS

1. Instituto de Artes e Comunicações
2. Instituto de Ciências Biológicas
3. Instituto de Ciências Exatas
4. Instituto de Ciências Humanas
5. Instituto de Filosofia
6. Instituto de Informática
7. Instituto de Letras
8. Instituto de Psicologia
9. Instituto de Teologia e Ciências Religiosas

II – FACULDADES

1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
2. Faculdade de Biblioteconomia
3. Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas
4. Faculdade de Ciências Médicas
5. Faculdade de Ciências Tecnológicas
6. Faculdade de Direito
7. Faculdade de Educação
8. Faculdade de Educação Física
9. Faculdade de Enfermagem
10. Faculdade de Odontologia
11. Faculdade de Serviço Social

III – INSTITUIÇÕES COMPLEMENTARES

- a) Biblioteca Central
- b) Centro de Ensino
 - Colégio de Aplicação "Pio XII"
 - Colégio Comercial da Academia "São Luís"
- c) Centro de Processamento de Dados
- d) Museu Universitário

9P PUKAMP